



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Gabriela Costa Machaim

“Teoria? Nunca pensei o que que é isso” – Contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a compreensão da relação entre teoria e prática na atuação em Psicologia

UBERLÂNDIA

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Gabriela Costa Machaim

“Teoria? Nunca pensei o que que é isso” – Contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a compreensão da relação entre teoria e prática na atuação em Psicologia

Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Psicologia.
Área de Concentração: Psicologia
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Silvia Maria Cintra da Silva

UBERLÂNDIA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

M149t Machaim, Gabriela Costa, 1993-
2023 “*Teoria? Nunca pensei o que que é isso*” [recurso eletrônico] :
contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a compreensão da
relação entre teoria e prática na atuação em Psicologia / Gabriela Costa
Machaim. - 2023.

Orientadora: Silvia Maria Cintra da Silva.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-graduação em Psicologia.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.5174>
Inclui bibliografia.

1. Psicologia. I. Silva, Silvia Maria Cintra da, 1967-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em
Psicologia. III. Título.

CDU: 159.9

André Carlos Francisco
Bibliotecário Documentalista - CRB-6/3408



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Gabriela Costa Machaim

“Teoria? Nunca pensei o que que é isso” – Contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a compreensão da relação entre teoria e prática na atuação em Psicologia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, para obtenção do Título de Mestre.

Área de Concentração: Processos Psicossociais em Saúde e Educação

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Silvia Maria Cintra da Silva

Banca Examinadora

Uberlândia, 22 de agosto de 2023

Prof.^a Dr.^a Silvia Maria Cintra da Silva (Orientadora)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof.^a Dr.^a Marilda Gonçalves Dias Facci (Examinadora)
Universidade Estadual de Maringá – Maringá, PR

Prof.^a Dr.^a Eliane Regina Pereira (Examinadora)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof.^a Dr.^a Záira Fátima De Rezende Gonzalez Leal (Examinadora Suplente)
Universidade Estadual de Maringá – Maringá, PR

UBERLÂNDIA

2023



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Psicologia				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico/ número 445, PPGPSI				
Data:	22 de agosto de dois mil e vinte e três	Hora de início:	9:00	Hora de encerramento:	11:00
Matrícula do Discente:	12122PSI009				
Nome do Discente:	Gabriela Costa Machaim				
Título do Trabalho:	Contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a compreensão da relação entre teoria e prática na atuação em Psicologia				
Área de concentração:	Psicologia				
Linha de pesquisa:	Processos Psicossociais em Saúde e Educação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Atuação do Psicólogo Escolar no Ensino Superior - concepções teóricas e possibilidades de atuação				

Reuniu-se de forma remota, via web conferência, junto a Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia, assim composta: Professores Doutores: Marilda Gonçalves Dias Facci - UEM; Eliane Regina Pereira - PPGPSI/UFU; Silvia Maria Cintra da Silva, orientadora da candidata. Ressalta-se que todos membros da banca participaram por web conferência, sendo que a Prof.^a Dr.^a Marilda Gonçalves Dias Facci participou da cidade de Maringá - PR, a Prof.^a Dr.^a Eliane Regina Pereira, a Prof.^a Dr.^a Silvia Maria Cintra da Silva e a discente Gabriela Costa Machaim participaram desde a cidade de Uberlândia - MG, em conformidade com a Portaria nº 36, de 19 de março de 2020.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dr.^a Silvia Maria Cintra da Silva, apresentou a comissão examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público e concedeu à discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Silvia Maria Cintra da Silva, Professor(a) do Magistério Superior**, em 22/08/2023, às 10:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Regina Pereira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 22/08/2023, às 10:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marilda Gonçalves Dias Facci, Usuário Externo**, em 22/08/2023, às 10:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4736028** e o código CRC **1752CA7A**.

Acredite apenas

Acredite apenas no que seus olhos veem e seus ouvidos ouvem!
Também não acredite no que seus olhos veem e seus ouvidos ouvem!
Saiba também que não crer algo significa algo crer!

Bertolt Brecht

*À Bel,
Para que possamos mantê-la conosco nas páginas, nos sons, nas canções de nossas
vidas.*

Agradecimentos

À Silvia, quero dizer da sua delicadeza assertiva, e da assertividade delicada, que me encantaram. Agradeço por ter apostado e acreditado em minha aprendizagem, por ter possibilitado meu desenvolvimento sob sua orientação tão carinhosa. Por me ensinar Vigotski (não só, mas) até mesmo na relação que construiu comigo, por verdadeiramente viver a partir dessa teoria.

À Bárbara, amiga, como diz o poeta, você “é [foi] luz, é raio, estrela e luar, manhã de sol, meu ia-ia, meu io-io”. É uma brincadeira, mas que guarda verdade. Obrigada por ter mostrado caminhos possíveis nos meus momentos de crise, de dúvidas, de angústias. Obrigada por ter estado tão presente em todo esse processo, que talvez nem teria se iniciado não fosse pelas suas contribuições. Grata pela sua própria jornada enquanto pesquisadora e por ter sido tão generosa comigo com os conhecimentos que você tem apreendido e construído. Você será uma excelente orientadora.

À Lúcia, minha mãe, a quem todos os agradecimentos que eu pudesse fazer jamais seriam suficientes. De qualquer forma, agradeço por sempre fazer por mim tudo aquilo que consegue, por ter me incentivado desde o primeiro momento em que decidi tentar ingressar no mestrado. Obrigada por ter proporcionado as melhores condições possíveis (para nós) para que eu trabalhasse no desenvolvimento desta dissertação.

À minha irmã Carol, obrigada por ter me apoiado e ter se mostrado uma entusiasta da Psicologia. À minha irmã Fabiana, obrigada por persistir, por estar aqui, apesar de tudo. À minha sobrinha, Manu, obrigada por ser minha camaradinha, pelas nossas conversas descontraídas, pelas sérias e instigantes, por todas as nossas risadas e divertimentos, conte com a Tia Gogoi sempre.

À minha querida, a Dudu, obrigada por ser uma cachorrinha tão bonitinha e me permitir cultivar o cuidado, o carinho e me proporcionar momentos de prazer e lazer ao seu lado.

À Carol, Matheus e Naomi, agradeço a honestidade e sinceridade de sempre, por me manterem com os pés no chão. Obrigada por tudo.

Ao Gil, pela constante amizade, no mais humano do seu significado.

À Mônica, pela ajuda tão fundamental para que eu pudesse iniciar esse processo que aqui se encerrou.

Ao nosso querido grupo de orientação, à Dani, à Wanessa, ao Bruno, agradeço a acolhida no momento de ingresso no mestrado, as indicações de leituras tão potentes. À Anna Paula e Laura, obrigada pela parceria e companhia!

Ao grupo de estudos Psicologia, Educação e Teoria Histórico-Cultural, sou grata por nossas tardes de discussões sobre a teoria, sobre a Arte.

À Camila Pessoa, pelas contribuições generosas e empolgadas.

À Eliane Pereira, primeiramente, por ter contribuído com minha formação inicial nas discussões sobre políticas públicas em Saúde, e por ter novamente contribuído com minha formação enquanto banca de qualificação e de defesa. Agradeço os contrapontos e provocações feitas de forma cuidadosa, ambos importantes para o exercício de autocrítica do trabalho que produzi.

À Marilda Facci, sou grata pelo trabalho para o avançar da Psicologia Histórico-Cultural e pela sua participação em minha banca de qualificação e de defesa. Foi uma grande honra e prazer poder contar com suas contribuições fundamentais para o desenvolvimento desta dissertação.

Às e aos psicólogas/os participantes da pesquisa pela solicitude em aceitarem o convite para a participação, pelas contribuições sem as quais este trabalho não poderia ter sido desenvolvido.

À Adriana, secretária do Programa de Pós-graduação em Psicologia-UFU, pelo trabalho sempre solícito.

Às trabalhadoras e aos trabalhadores do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Uberlândia (Sisbi/UFU), pelo trabalho que me possibilitou o acesso a um ambiente propício para o árduo processo de estudos, reflexões, escrita.

À FAPEMIG, pelo fomento sem o qual não teria tido condições materiais de vida adequadas para o desenvolvimento desta dissertação.

Resumo

A relação dialética entre teoria e prática é parte constitutiva do desenvolvimento da Ciência e, portanto, da Psicologia. Assim sendo, esta pesquisa teve por objetivos gerais compreender qual o sentido pessoal da teoria na prática para psicólogas/os atuantes em Psicologia e analisar como tem se dado a relação entre teoria e prática para estas/es. Para tanto, considero imprescindível a apreensão do conhecimento a respeito do conceito científico de teoria, bem como sobre a natureza da práxis, da relação entre teoria e prática, e para qual finalidade a práxis em Psicologia deve ser dirigida. Tomo o referencial teórico-metodológico da Psicologia Histórico-Cultural e do materialismo histórico-dialético para elucidar tais temáticas e orientar o processo de pesquisa. Os sujeitos da pesquisa são duas psicólogas e dois psicólogos, com quem foram realizadas quatro entrevistas semiestruturadas que abordaram questões relevantes para a compreensão da relação que estabelecem entre teoria e prática em sua atuação. As análises das entrevistas estão organizadas a partir dos seguintes eixos: 1) Formação inicial e continuada, discute sobre aspectos do processo de formação inicial e continuada determinantes da atuação profissional e das relações das/os entrevistadas/os com a teoria e a prática, 2) Concepções teóricas: ser humano, mundo e teorias, abarca as relações entre concepções de ser humano, mundo e teoria que fundamentam a prática dos sujeitos da pesquisa e 3) Significados sociais e sentidos pessoais sobre a relação entre teoria e prática em Psicologia, discute os processos de formação de sentido pessoal sobre tal relação. Concluo que aquelas/es psicólogas/os que conseguem se apropriar do significado social da relação dialética entre teoria e prática, conseguiram superar, cada qual por meio de motivos e condições materiais de vida específicas, os limites colocados pela formação profissional em Psicologia na sociedade capitalista.

Palavras-chave: relação teoria-prática; psicologia histórico-cultural; práxis; atuação do psicólogo.

Abstract

The dialectical relationship between theory and practice is constitutive of the development of Science and, thus, of Psychology. Therefore, the general objectives of this research was to comprehend the personal meaning to psychologists of theory in relation to practice and analyse how the relationship between theory and practice has progressed for psychologists. Considering these general objectives, the apprehension of knowledge regarding the scientific concept of theory is fundamental, as well as the nature of practice, the relationship between theory and practice, and towards what end the praxis in Psychology should be moved. The theoretical-methodological referential used to clarify these themes and guide the research was Historical-Cultural Theory and dialectical historical-materialism. The subjects of the research were two male and two female psychologists, with whom four semistructural interviews were conducted, which covered relevant topics for the understanding of the relationship the subjects establish between theory and practice in their everyday work. The analysis of the interviews were organized in the following axes: 1) Initial and continued making, which discusses aspects of the initial and continued that are determining of the professional practice and the relationship of the subjects with theory and practice, 2) Theoretical concepts: human beings, world and theory, covers the relationships between the concepts of human beings, world and theory which are founding of the research subjects' practices and 3) Social meaning and personal meaning of the relationship between theory and practice in Psychology, discusses the processes of formation of personal meaning of theory in relation to practice. It was concluded that those psychologists who are able to apprehend the social meaning of the dialectical relationship between theory and practice, were able to surpass, each one according to specific motives and material conditions, the limits imposed on professional making in Psychology in capitalist society.

Keywords: theory-practice relationship; historical-cultural psychology; praxis; practice in psychology.

Sumário

1. Apresentação/Introdução.....	15
2. Relação(ões) entre teoria e prática.....	21
3. Psicologia Histórico-Cultural	28
3.1. A crítica elaborada por Vigotski sobre metodologia em Psicologia	28
3.2. Significado social e sentido pessoal.	33
4. Percurso metodológico	40
5. Análises.....	44
5.1. Formação inicial e continuada	44
5.2. Concepções teóricas: ser humano, mundo e teorias.....	53
5.3. Significados sociais e sentidos pessoais sobre a relação entre teoria e prática em Psicologia.	68
6. Considerações finais	92
7. Referências	95
8. Apêndice A – Roteiro de entrevista semiestruturada.....	100

1. Apresentação/Introdução – No meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no meio do caminho...

“Toda vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios, que levam a teoria ao misticismo, encontram sua solução racional na práxis humana e na compreensão dessa práxis.” (Karl Marx, 2001/1845).

Faço a abertura desta dissertação contando sobre minha formação a partir de meados da graduação e continuada, pois foi naqueles anos e, especialmente, nos primeiros anos de graduação, que vivenciei o processo que iria desembocar no tema da presente pesquisa. O meu caminho profissional e os processos de aprendizagem não cessaram após o fim da graduação, e nunca cessarão, e hoje encontro solo fértil para uma apropriação teórica que seja coerente com minha prática. Durante três anos após o término em questão, vivenciei uma intensa e estimulante crise em relação à orientação teórica que sustentaria meu caminhar na Psicologia. Contextualizando, em abril de 2017 concluo a graduação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e no início de 2018 começo a me aventurar pela atuação profissional como psicóloga clínica e acompanhante terapêutica.

Entre os anos de 2018 e 2020, oscilava entre duas abordagens com as quais tive maior proximidade durante a graduação, a Psicanálise e a Esquizoanálise, porém não conseguia me enraizar firmemente em nenhum desses referenciais. Concomitantemente a essa fragmentação, a experiência na Psicologia Clínica provocou incômodos profundos com a aproximação da realidade que se apresentava a mim no cotidiano dos atendimentos e supervisões clínicas.

Algo que vivi anos atrás requer um espaço importante de atenção nesse percurso de investigação e constituição do meu “saber psi”, e essa contextualização é necessária, pois foi a partir desse encontro que primeiramente me aproximei e afeiçoei à perspectiva da qual eventualmente ocupar-me-ia.

Em meados de 2015, participei do curso introdutório em formação política intitulado “Como funciona a sociedade” (CF I)¹, promovido pelo Núcleo de Educação Popular 13 de

¹ Curso introdutório direcionado para a formação política da classe trabalhadora, fundamentado na crítica marxiana da sociedade capitalista, em que se abordam de forma lúdica noções sobre mais-valia, salário, Estado, tendo como objetivo o auxílio na compreensão sobre a estrutura social e política sob a qual tal sociedade funciona.

Maio² e nesse curso me encontrei com a crítica marxiana³ da sociedade capitalista. Em 2016, em meio à greve dos docentes das universidades federais, tive a oportunidade de cursar novamente o “Como funciona a sociedade” e logo em seguida participar da formação subsequente “Como funciona a sociedade II” (CF II)⁴. Esses eventos foram profundamente marcantes do ponto de vista de minha formação política, e a partir deles pude ter maior contato com as produções marxistas. Desde então, a teoria sobre a qual passei a ter maior interesse em me aprofundar e possivelmente prosseguir o caminho teórico e metodológico é o marxismo.

Associado a esse interesse, continuava à procura da abordagem/teoria em Psicologia que possivelmente solucionaria a crise que vivenciava. Nessa busca, empenhava-me em encontrar alguma corrente teórica que estabelecesse diálogo e que tivesse afinidade com o pensamento marxista. Foi nesse empenho que me encontrei com e na Psicologia Histórico-Cultural (PHC). Durante a graduação tive contato superficial com essa teoria e foi em 2020, quando participei de um curso intitulado “Suicídio: fundamentos para uma abordagem crítica”, oferecido pelo Prof. Dr. Nilson Berenchtein Netto e orientado pela perspectiva marxista juntamente com a PHC, que entendi, depois de muito perscrutar, que havia encontrado o que procurava e que me contemplava.

Esses encontros e aprofundamentos teóricos encheram meu olhar de indagações, que ao voltar-se para a realidade começava a buscar ir além de sua aparência imediata, movimento que trouxe muitas reflexões e inquietações sobre a sociedade em que vivemos e como ela é estruturada. Nesse aprofundamento encontrei-me com o texto de Vigotski “O significado histórico da crise da psicologia. Uma investigação metodológica” (2004/1927). Uma seção desta dissertação é dedicada à discussão proposta nesse texto, mas para fins introdutórios podemos dizer que Vigotski opera uma crítica ao desenvolvimento da Psicologia enquanto ciência e identifica uma crise em seu âmago. Mesmo que ainda em um primeiro momento de

² A Prof^a M^a Cyntia de Oliveira e Silva, em sua dissertação, explica: “O 13 de Maio NEP - Núcleo de Educação Popular é uma entidade constituída no bojo do ressurgimento dos movimentos sociais, no início dos anos oitenta, ainda na ditadura militar, que vem desenvolvendo o trabalho de formação política, com viés anticapitalista, inicialmente em São Paulo e posteriormente em vários pontos do Brasil, por meio de centenas de educadores por ela formados.” (Oliveira e Silva, 2008, p. 8).

³ Conforme explica o Prof. Dr. Nildo Ouriques, da Universidade Federal de Santa Catarina: “Creio que o caminho mais adequado é definir como “marxiana” a obra teórica e política de Marx, e como “marxista” a obra teórica e política de revolucionários como Lênin, Trotsky, Mao, Che Guevara, Fidel, Ho Chi Minh e Amílcar Cabral”. Trecho recuperado da apostila “Economia Marxista”, elaborada para o Curso de graduação à distância em Ciências Econômicas (Ouriques, 2014, p. 16).

⁴ Continuidade do curso “Como funciona a sociedade”, expandindo, ainda que de forma introdutória, a crítica e a compreensão sobre características do modo de produção capitalista, tais como crises do capitalismo e competição intercapitalista por mercado.

aproximação com tal texto, a crítica realizada por Vigotski já me remeteu e trouxe novo sentido à crise teórica que eu vivenciara.

É importante observar que o próprio processo de pesquisa tem me possibilitado construir uma compreensão mais encorpada sobre o processo de encontro teórico que vivenciei. Uma das entrevistas realizadas com Serena⁵, uma das participantes da pesquisa, me pôs a pensar sobre os momentos da minha história, as vivências que tive que foram determinantes para que hoje eu tivesse a visão de mundo e ser humano que tenho. Acredito que isso conta sobre como o processo de pesquisa pode afetar quem pesquisa, minha pesquisa tem se dado também como um processo de apropriação teórica e elaboração da minha formação enquanto ser humano e psicóloga.

Em minhas reflexões entendo que os cursos CF I e II foram absolutamente determinantes, como momentos de formação política e humana, sendo que o II ocorreu no contexto da greve dos docentes das universidades públicas em 2016, fizemos os cursos I e II na ocupação estudantil na UFU, e a greve tinha por objetivo a luta contra a aprovação da chamada PEC do Teto de Gastos⁶. Participei de muitas aulas oferecidas por professores da UFU, sobre geopolítica, história, economia. Foi um momento de efervescência para mim, de vivenciar uma ocupação, de estar junto dos docentes e discentes grevistas.

Também ainda na graduação, um dos estágios profissionalizantes que fiz, em que a proposta era realizar atendimentos clínicos em Acompanhamento Terapêutico trabalhando com pacientes da rede de Saúde Mental da cidade, me colocou em contato direto com uma realidade profundamente diferente da minha. Os pacientes atendidos no estágio eram pessoas em situação de pobreza, de miséria econômica, social e, também, vivenciavam profundas dificuldades psíquicas, afetivas. Estar em meio às condições concretas de vida daquelas pessoas, por meio da paciente que eu atendia e de escutar os relatos dos atendimentos dos colegas de estágio, mesmo que em breves momentos (realizávamos cerca de três atendimentos semanais, com mais ou menos duas horas cada), me apresentou um novo mundo, me chocou, me desconfortou, ao passo que também proporcionou que começasse a germinar em mim a ideia de que minha

⁵ Os nomes das/os entrevistadas/os são fictícios, escolhidos por elas/es.

⁶ Sobre a Emenda Constitucional nº 95, que tramitou na Câmara dos Deputados como Proposta de Emenda à (PEC) Constituição 241/2016 e no Senado como PEC 55/2016, Silva et al. (2017, para. 18-20) explicam “Esse novo regime fiscal impõe limites para o crescimento das despesas primárias, os quais irão vigorar por vinte anos, independentemente de eventual aumento do PIB ou das necessidades concretas da população.”, o localizando no seio do “[...] processo de reorganização da acumulação capitalista em nível mundial, dado o contexto de crise estrutural do capital, e com o esgotamento das estratégias neodesenvolvimentistas, no Brasil, especialmente agravado pela crise política, a ofensiva neoliberal, neste país, intensifica-se a partir da década de 2010, provocando a agudização da questão social e ratificando a impossibilidade do desenvolvimento humano nas condições históricas do capitalismo global no século XXI.”

prática em Psicologia tivesse compromisso social e político com pessoas como aquelas nossas pacientes.

A formação política foi determinante para meu processo de encontro com a teoria, porque a partir da minha apropriação sobre conceitos políticos, eu os contrastava com o que via na Psicologia, na teoria e na prática. O entendimento que esse movimento me propiciava fazia com que eu defrontasse a Psicologia que eu conhecia com a realidade que começava a compreender melhor, seus determinantes, e a partir desse contraste comecei a questionar algumas perspectivas teóricas em Psicologia, especialmente aquelas com que tinha maior aproximação, ou seja, a Esquizoanálise e Psicanálise. Ambas passaram a não dar conta de explicar a realidade para mim, pois o que eu começava a conhecer sobre a realidade não estava em harmonia com o que elas me apresentavam a respeito desta.

Outra vivência determinante aconteceu após a graduação, contribuir para a formação do APIÁ, um coletivo em que eu e mais algumas amigas psicólogas/o propúnhamos o funcionamento pela autogestão e queríamos pensar e fazer uma outra forma de Clínica, baseada no Acompanhamento Terapêutico. Nosso querido galpão, como chamávamos o local sede do coletivo, era, de fato, um galpão, e foi palco de inúmeros eventos culturais, oficinas corporais grupais, atendimentos clínicos que realizamos ao longo de três anos. Em certo momento realizamos trabalho em uma escola pública da cidade de Uberlândia (MG), atendendo à preocupação da direção de uma escola pública sobre acontecimentos relacionados à saúde mental e física das/os alunas/os. Após esse trabalho, recebemos ainda pedido de ajuda de outras duas escolas, também públicas.

No APIÁ intentamos pensar e fazer uma Clínica e um espaço em que pudéssemos aliar a Psicologia à Arte, à Cultural e à Política – a experiência nesse coletivo me constituiu e me constitui. Habitada por toda essa nova experimentação, não fazia mais sentido para mim uma Psicologia que não se pusesse a pensar e fazer sobre essas questões. Estivemos juntos no APIÁ durante as eleições de 2018, nos pusemos a pensar sobre o fascismo e questões a ele relacionadas. Uma Psicologia que não abarcasse as dimensões políticas e culturais se tornou impensável para mim e, concomitantemente, destino de críticas as quais eu começava a querer tatear. Veio ao meu encontro a tese de Callegari (2018), em que a autora opera uma crítica à Esquizoanálise; também marcante foi assistir ao filme *Midsommar* (2019)⁷, sobre o qual eu e

⁷ Sinopse: “Após vivenciar uma tragédia pessoal, Dani vai com o namorado Christian e um grupo de amigos até a Suécia numa viagem para um festival de verão único em uma remota vila sueca. O que começa como férias despreocupadas de verão em uma terra de luz eterna toma um rumo sinistro quando os moradores do vilarejo convidam o grupo a participar de festividades que tornam o paraíso pastoral cada vez mais preocupante e

um querido amigo, também membro do APIÁ, pudemos conversar e compartilhar o que pensamos e sentimos. Em 2020, o anteriormente referido curso “Suicídio...”, foi a gota que fez o caldo entornar, e finalmente se mostrou para mim que a PHC era o que eu procurava em termos de teoria em Psicologia, pois ela abraçava todas essas dimensões do ser humano.

Meu encontro com o pensamento marxiano e marxista foi mesmo uma transformação radical da minha visão de mundo e ser humano; não cabia mais uma teoria em Psicologia que não estivesse em consonância com esse meu novo jeito de perceber e entender a realidade. Foi o marxismo que me levou à Psicologia Histórico-Cultural.

Nasciutti e Silva (2014, p. 28) perguntam “que importância têm os conhecimentos e vivências prévias para a apropriação de uma determinada teoria?” e, olhando para meu processo, eu responderia: importância essencial. É interessante, segundo as autoras, “pensar que o processo de se apropriar de uma determinada teoria não é linear, mas permeado por elementos diversos, como a especificidade da história de cada sujeito, seus encontros e vivências e a própria densidade e complexidade da teoria.” (Nasciutti & Silva, 2014, p. 28), o que me parece descrever de forma precisa o processo que comigo se deu.

Em meio a esse processo efervescente, o mestrado se colocava no horizonte de caminhos possíveis. Em 2020 a realidade imposta pela pandemia da Covid-19 empurrou-nos ao encerramento das atividades no coletivo APIÁ e eu iniciava um momento de abertura a outras possibilidades, sendo que o mestrado foi aquela pela qual decidi me enveredar. Agora imersa, inspirada e fortalecida pelo meu encontro com a Psicologia Histórico-Cultural, elaborei um tema de pesquisa relacionado a conteúdos que me interessavam. No entanto, a temática da relação entre teoria e prática ainda estava muito presente em mim e naqueles acontecimentos do destino, tendo contribuição determinante nesse processo as intervenções de minha orientadora, decidi mudar meu tema de pesquisa. Assim, aqui chegamos.

Questionamentos como “por que nós psicólogas/os vivenciamos ‘crise teórica’?”, “essa ‘crise teórica’ é uma vivência compartilhada por outras/os psicólogas/os?”, “de onde vem tal crise, por que ela existe?”, “em que medida a multiplicidade de teorias psicológicas determina essa ‘crise teórica’?” povoavam minhas reflexões. Todo esse percurso narrado possibilitou e constituiu a formulação da questão medular da presente pesquisa: a relação entre teoria e prática em Psicologia. Assim orientada, tenho como objetivos gerais a busca pela compreensão sobre qual o sentido pessoal da teoria na prática para psicólogas/os atuantes em Psicologia e a análise sobre como tem se dado a relação entre teoria e prática para estas/es.

Para fazermos um mergulho coerente nessas temáticas, o trabalho foi organizado da seguinte maneira: na Seção 2 serão apresentadas as relações entre teoria e prática, considerando questões como o que é uma teoria científica, o que é teoria científica em Psicologia e esta relação na Psicologia; na Seção 3 estão presentes discussões sobre a crítica elaborada por Vigotski a respeito de questões metodológicas em Psicologia, os conceitos de significado social e sentido pessoal para a Psicologia Histórico-Cultural. O percurso metodológico é apresentado na seção 4, na seção 5 está disposta a discussão dos eixos de análise, em que o eixo 1) abarcou alguns aspectos do processo de formação inicial e continuada das/os entrevistadas/os que se configuraram como determinantes para o desenvolvimento de suas atuações profissionais e de suas relações com a teoria e a prática, o eixo 2) tratou das concepções de ser humano, mundo que fundamentam a prática de cada um/a, bem como de qual é/quais são a/s teoria/s que fundamentam tais concepções e a atuação profissional, o eixo 3) discute os significados sociais de Psicologia que constituem a formação profissional das/os participantes da pesquisa, os processos de apropriação da teoria e de formação de sentido pessoal sobre a relação entre teoria e prática, e finalmente, porém não menos importante, na seção 6 compartilho algumas inquietações e considerações.

2. Relação(ões) entre teoria e prática

Segundo Minayo (2001) toda investigação tem por início um problema para o qual se tem uma questão, dúvida ou pergunta, devendo essa indagação ser articulada com conhecimentos construídos por outros estudiosos e sendo exatamente esse conhecimento prévio o que se chama de teoria. Esse conhecimento anterior se constitui como um sistema organizado de proposições e de conceitos, que devem nos acompanhar no processo de pesquisa (Minayo, 2001).

Ainda conforme Minayo (2001), a teoria tem um caráter abstrato e sua propriedade empírica está no fenômeno, processo ou conjunto de fenômenos e processos que se deseja elucidar ou compreender, constituindo esse seu objetivo. A autora elenca as funções cumpridas pela teoria como: colaboração para a compreensão do objeto de pesquisa; auxiliar na elaboração mais apropriada das questões da pesquisa; contribuir para a organização mais precisa dos dados; orienta na análise dos dados.

Minayo (2001) prossegue em sua exposição argumentando que mesmo a mais sofisticada teoria não consegue explicar todos os fenômenos ou processos, tendo, portanto, limitações nas suas elucidações sobre a realidade, por essa razão o/a pesquisador/a deve operar um recorte de determinados aspectos da realidade e procurar estabelecer entre eles interconexão sistemática. Aparece aí o papel daquele que investiga no processo de pesquisa, que conforme Paulo Netto (2011), constitui elemento fundamental no método de pesquisa marxiano.

Segundo Paulo Netto (2011), para Marx a teoria não é simplesmente a descrição minuciosa, por parte do/a pesquisador/a, do movimento aparente, visível do objeto. Em Marx, a teoria se configura como um modo especial de conhecimento, o conhecimento teórico, estando sua especificidade no fato de que ele é o conhecimento do objeto em sua existência real, que independe de quaisquer aspirações e representações daquele que pesquisa (Paulo Netto, 2011).

Assim sendo, Paulo Netto (2011) explica que a teoria é “o movimento real do objeto transposto para o cérebro do pesquisador – é o real reproduzido e interpretado no plano ideal (do pensamento)” (p. 21). Ainda conforme o autor, o sujeito que pesquisa opera a reprodução ideal da estrutura e dinâmica do objeto foco da pesquisa, sendo essa reprodução o conhecimento teórico, que “será tanto mais correta e verdadeira quanto mais fiel o sujeito for ao objeto” (2011, p. 21).

A apreensão da estrutura e dinâmica do objeto, ou seja, da sua essência⁸, deve ser o objetivo do pesquisador, embora o conhecimento teórico tenha início na compreensão da aparência imediata do objeto, e sendo ela, também, uma dimensão da realidade, que não pode ser rejeitada (Paulo Netto, 2011).

Paulo Netto (2011) demarca o posicionamento de Marx quanto à inexistência da neutralidade daquele que pesquisa; no entanto, essa característica não desveste o conhecimento teórico de sua objetividade, pois ele possui uma instância que constata sua verdade: a *prática social e histórica*.

Aquilo que Marx entende como teoria, conforme sintetiza Paulo Netto (2011, p. 21) a “reprodução ideal do movimento real do objeto pelo sujeito que pesquisa”, não se dá como um reflexo mecânico, pois o papel de quem pesquisa deve ser ativo, papel que propicia ao sujeito ir além da aparência imediata do objeto, sendo capaz de apreender sua essência, compreendendo-o como um processo e, para desempenhar essa qualidade ativa em seu pesquisar, o sujeito necessita estar apropriado do máximo de conhecimentos, ter a habilidade de criticá-los, além de ter a companhia da criatividade e da imaginação (Paulo Netto, 2011).

Aqui considero importante abrirmos um pequeno parêntese para adicionarmos um importante retalho a essa costura. Segundo Vigotski (2018/1930), o ser humano desenvolve dois tipos principais de atividade: a criadora e a reprodutora. A imaginação baseia-se na capacidade do cérebro humano de combinar e reelaborar, de modo criador, elementos de experiências prévias e é o motor de toda atividade criadora, possibilitando a criação artística, científica e a técnica. O referido autor enfatiza que a criação não é reservada apenas a grandes expoentes da Arte ou da Ciência, mas está presente na vida cotidiana quando uma pessoa comum imagina, combina, modifica e cria o novo, se caracterizando, portanto, como condição fundamental da existência (Vigotski, 2018/1930).

Colocado esse retalho, retomamos que Marx não se deixa capturar pela contradição que Figueiredo (2002) aponta nas práticas científicas modernas em relação à posição do sujeito produtor do conhecimento, que é dada pela associação entre a suposição de que o homem detém o poder sobre a natureza e o aprofundamento da experiência subjetiva individualizada, em concomitância com a exigência de que os cientistas tenham “objetividade”⁹ (p. 58).

⁸ A palavra “essência” é empregada por Paulo Netto (2011) e, igualmente a termos como “determinante” e “aparência imediata”, que aparecerão adiante nessa dissertação, faz parte do léxico marxista, sendo categorias irredutíveis do método materialista histórico-dialético. Para uma expansão, ainda que breve e insuficiente, acerca de discussões sobre tais categorias é possível buscar em Bottomore (2013) por “determinismo” e “fetichismo”.

⁹ Preservadas as aspas utilizadas pelo autor.

Para Figueiredo (2002), os estudos psicológicos, que apenas na segunda metade do século XIX começaram a ser tema de preocupação no que tange a ter um espaço propriamente seu, foram caracterizados em seu início e desenvolvimento por tal contradição da ciência moderna, em que se pressupõem sujeitos livres e diversos, detentores de direito sobre a natureza, ao passo que em nome da “objetividade”, também se procura pelo domínio sobre a subjetividade, buscando suprimir ou exterminá-la.

Tuleski (2012) amplia a questão, argumentando que, em seu nascimento, a Psicologia esteve relacionada aos interesses da sociedade burguesa, tendo sido convocada a participar das discussões acerca do homem moderno. A Psicologia se assegura como ciência no momento em que a burguesia, já estando consolidada como a classe no poder, assumiu posição reacionária, e em razão de tal conjuntura histórica, a ciência psicológica nascente é marcada por dualismos insuperáveis, como objetividade/subjetividade, social/individual etc. (Tuleski, 2012).

A autora frisa a importância de se ter clareza sobre o momento da sociedade capitalista em que a Psicologia científica e suas diferentes abordagens surgem, salvaguardando, assim, compreensões equivocadas de que tal ciência seja uma entidade abstrata e neutra, mas ao contrário, possibilitando o entendimento de que ela nasce a partir da e para a prática humana e suas diversas determinações (Tuleski, 2012).

Conforme Figueiredo (2008), o conhecimento científico é um conhecimento sobre a historicidade das relações estabelecidas pelos seres humanos com a matéria, e então, nesse sentido, a diversidade de teorizações e práticas em Psicologia são a expressão de diversas formas de relações que a humanidade institui entre si no âmbito da vida social. Para o autor, então, a multiplicidade de abordagens em Psicologia se dá pela complexidade e contraditoriedade das formas de relação em sociedade (Figueiredo, 2008).

Para Tuleski (2012) essa contraditoriedade presente nas formas humanas de relação em sociedade, assim referida por Figueiredo (2008), é produção do funcionamento e estrutura da sociedade capitalista e do movimento da classe burguesa naquele momento, que deixava de ser revolucionária e se colocava contra o desenvolvimento da história; com efeito, diversas abordagens em Psicologia foram constituídas pela contradição expressa na negação do homem enquanto ser histórico (Tuleski, 2012).

Tuleski (2012) aponta a não casualidade no fato de que desde seu nascimento até o tempo atual a Psicologia tenha sido fragmentada em diferentes teorias, que a partir das características da sociedade burguesa, como a cisão entre o bem comum e o interesse privado, conceituaram qualidades humanas gerais. A Psicologia tinha por tarefa justificar e explicar qualidades universais de uma suposta natureza humana que estariam de acordo com o caráter

da sociedade produtora de mercadorias, assim como também analisar, descrever e medir ambas as qualidades individuais específicas que levariam os sujeitos a um ajustamento adequado a tal sociedade e as que negariam essa adaptação; essas elaborações não tinham compromisso com a reflexão e consideração sobre as condições históricas concretas produtoras do comportamento dos seres humanos e incorriam, assim, na sua naturalização (Tuleski, 2012).

Figueiredo (2002) também sublinha a divisão entre diferentes linhas de pensamento em Psicologia, pontuando que a superação de tais divisões não se dará tão logo. Enquanto a Psicologia estiver fragmentada entre dualismos, mantendo a visão da natureza humana como não-histórica, ela como ciência terá poucas contribuições no sentido da compreensão da totalidade do homem, dando diminutos passos em sua elaboração a respeito das relações entre aspectos como social e individual, mental e orgânico (Tuleski, 2012). A autora coloca a reflexão:

Analisar a ciência historicamente é analisar a todo instante as contradições que são produzidas em suas práticas. E analisar a psicologia, que surge no período contrarrevolucionário da sociedade burguesa e que permanece até hoje como hegemônica, significa analisar as contribuições desta ciência para a permanência e ampliação das situações produtoras de alienação nos indivíduos. (Tuleski, 2012, p. 124).

De acordo com Semeraro (2014), Marx rompe com a tradição filosófica dualista que instituiu a matéria ou a ideia como pressuposto determinante da realidade, demonstrando a relação dialética entre objeto e sujeito, ação e pensamento.

Paulo Netto (1994) descreve a ontologia marxiana como uma ontologia do ser social, sendo seu determinante central, sua categoria fundante, a práxis, pertencente exclusivamente ao gênero humano. A práxis expressa a especificidade do ser social, caracterizando-se como seu constitutivo, sendo também responsável por embasar a teoria social de Marx (Paulo Netto, 1994).

Silva (2014) explica que, para Marx, a práxis corresponde à ação orientada para um fim, ação intencionada, e que contenha em si a capacidade de transformação do mundo, de tal modo que a práxis é a filosofia do proletariado, pois este tem o dever histórico de operar a unificação da teoria e da prática por meio da ação revolucionária, com a intenção de sua emancipação.

Fazendo uma síntese da concepção materialista de práxis, Abrantes e Martins (2007) explanam que ela é o conhecimento teórico constituído por conteúdos empíricos, e pelo intermédio de mediações teórico-abstratas são conhecimento verdadeiramente humano, ou seja,

as abstrações sobre a realidade se afastam do objeto, ao passo que se aproximam de sua essência, pois o verdadeiro conhecimento é constituído a medida em que se consegue transpor a dimensão imediatamente aparente da realidade.

Tal processo de construção do conhecimento humano se dá pelo movimento de, em um primeiro momento, se conhecer a realidade objetiva por meio de sensações/percepções, esse movimento produz a substância do pensamento, o conhecimento sensorial, que reflete elementos da realidade concreta e possibilita, assim, a produção de imagens sensoriais do mundo, por meio das quais o sujeito começa a tomar consciência, a desenvolver o conhecimento sobre fenômenos concretos e, por sua vez, este desenvolvimento é mediado pela linguagem, pois esta permite que as imagens sensoriais possam ser representadas em palavras, ideias, significados (Abrantes e Martins, 2007).

Como coloca Barbosa (2010), a práxis posiciona o ser humano como ontocriativo, ser que possui a capacidade de criação da realidade humana-social e que pode, conseqüentemente, apreender suas determinações e transformá-la. Nesse sentido, Abrantes e Martins (2007) elucidam que a historicidade humana é efetivada na unidade articuladora entre a ideia e a ação, a teoria e a prática, sendo concretizada no movimento constitutivo da realidade social, destacando que toda prática humana, sendo mediada historicamente, acaba por exceder a si mesma, complexificando a consciência dos homens e possibilitando que as mais simples representações sensoriais da realidade se constituam em pensamento. Deste modo, a prática (empíria) não existe sem teoria (abstração) e vice-versa (Abrantes & Martins, 2007).

Por ultrapassar as fronteiras da experiência sensorial, a racionalidade teórica se configura como recurso através do qual o ser humano pode apreender conteúdos que não estão contidos na aparência imediata da realidade (Abrantes & Martins, 2007).

Abrantes e Martins (2007) assinalam que a diferenciação entre empírico e teórico é condicional, pois eles se interpenetram durante todo o processo de desenvolvimento de conhecimento, sendo, portanto, equivocada a compreensão de que são níveis do conhecimento. Em decorrência, a relação teoria-prática pressupõe constante movimento, em razão da realidade, em toda sua mobilidade, defrontar a teoria com questões para as quais talvez ainda não se tenham respostas (Abrantes & Martins, 2007).

Para a teoria dialética do conhecimento, segundo Abrantes e Martins (2007), é por meio da mediação teórica que a interação prática com o objeto fundamenta a construção do conhecimento científico, devendo o sujeito estabelecer relação próxima com o objeto, para que possa apreender seu movimento e acessar aqueles determinantes não apreensíveis na aparência.

Os autores reiteram que o vínculo íntimo com a prática social, que deve ser construído pelo sujeito do conhecimento, somente se dará conforme ocorra a apropriação da realidade nas suas múltiplas determinações, possibilitando a esse indivíduo a tomada de consciência sobre as possibilidades e entraves de seu tempo histórico (Abrantes & Martins, 2007).

Referente aos entraves de determinado tempo histórico e as possibilidades de ação diante destes, Martín-Baró (1996), psicólogo social espanhol-salvadorenho, discorre sobre o imperativo de que o sujeito, no caso em questão, o profissional em Psicologia, tenha consciência sobre a realidade, sobre seu contexto social e tempo histórico. Segundo ele, o psicólogo francês Marc Richelle, no famigerado ano de 1968, avistando o alastramento de uma nova espécie, questionava qual era a função de psicólogos; o filósofo Didier Deleule respondeu afirmando que a Psicologia naquele momento propunha resolver os conflitos sociais operando a transformação do indivíduo sem que se tocasse na ordem social, criando, assim, uma ilusão (Martín-Baró, 1996).

Martín-Baró (1996) atenta para que o problema da função de psicólogos não seja encarado de um ponto de vista individualizante, da intenção subjetiva de cada profissional em seu país, mas sim a partir do questionamento sobre que efeito concreto o *quefazer*¹⁰ teórico-prático psicológico produz em uma dada sociedade. Para o referido autor, o psicólogo centro-americano deve reposicionar seu conhecimento e sua práxis, de forma a estar lado a lado com as maiorias populares, assumindo o compromisso de acompanhá-las em sua marcha histórica rumo à libertação (Martín-Baró, 1996).

A perspectiva teórica da/o psicóloga/o deve ser orientada para ajudar as pessoas com as quais se trabalha a transformarem as condições opressivas do seu contexto, por meio do processo dialético de conscientização, movendo-as, assim, em direção à superação da sua identidade alienada (Martín-Baró, 1996).

Há uma possível aproximação entre o posicionamento de Martín-Baró (1996) sobre a prática desenvolvida no campo da Psicologia e a elaboração de Abrantes e Martins (2007), para os quais a qualidade da intervenção operada pelo sujeito na realidade será determinada pelas apreensões conceituais por ele realizadas, pois na prática social estão implicados domínios teóricos e práticos.

Na formulação de Martín-Baró (1996) o trabalho psicológico conscientizador configura-se como um horizonte para o *quefazer* profissional, devendo os psicólogos se colocarem perguntas críticas sobre o papel que desempenham na sociedade, questionando-se a respeito de

¹⁰ Em itálico como no texto original.

a partir de quem, em benefício de quem seu *quefazer* está orientado; em outras palavras, os psicólogos devem constantemente estar atentos, em uma posição de criticidade, sobre para quem e o que sua prática produz na realidade histórica concreta.

Abrantes e Bulhões (2020) destacam a palavra luta, contextualizando e apontando quais são as possibilidades dela para o jovem adulto. A tarefa posta aos jovens é a apropriação do conhecimento historicamente produzido pela humanidade, a fim de desenvolver uma práxis transformadora da realidade, um projeto de humanidade que seja oposto à falida proposta capitalista.

O processo de aprender a lutar pelo bem comum pressupõe [...] lutas concretas: pela escola pública, pela qualidade de ensino, por uma sociedade sem classes [...] pressupõe critérios de desenvolvimento da consciência, do conhecimento objetivo, da produção criativa, da apropriação da história, da liberdade e da universalidade. (Abrantes & Bulhões, 2020, p. 263).

3. Psicologia Histórico-Cultural

Conforme compartilho em minha apresentação, foram Marx e os marxistas quem me direcionaram a Psicologia Histórico-Cultural, norteando este que possui lastro na realidade, pois conforme compreende Souza (2006), a obra de Vigotski, embora incompleta em decorrência de questões como sua morte prematura, possui o emprego mais acurado dos pressupostos marxianos na Psicologia. Assim sendo minha trajetória, apresento alguns pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural (PHC) que fundamentam a discussão que se segue.

Essa discussão, que é constituída pela questão da formação das(os) psicólogas(os), Silva e Peretta (2022) denotam que essa formação deve ser considerada com minuciosa atenção, pois a sociedade em que vivemos, a sociedade capitalista, é produtora da alienação da consciência dos indivíduos, tolhendo seu desenvolvimento intelectual, afetivo e moral; nesse sentido, a Psicologia Histórico-Cultural, que teoriza a respeito dos aspectos históricos e culturais da constituição humana, é uma ferramenta potente para a construção da análise que intento realizar.

3.1 A crítica elaborada por Vigotski sobre metodologia em Psicologia

Trago aqui a discussão feita por Vigotski em seu texto “O significado histórico da crise da Psicologia. Uma investigação metodológica” (2004/1927) e tomo o próprio título deste para organizar a exposição aqui feita. Dessa forma, iremos percorrer a crise da Psicologia segundo a análise de Vigotski, qual o seu significado, bem como também trazer a saída que nosso autor apresenta para tal crise.

Considerando que esta dissertação se propõe a pensar a relação entre teoria e prática em Psicologia e que temos diversas elaborações teóricas nessa ciência, inevitavelmente, ao procurar compreender tal relação nos defrontaremos com diferentes teorias. Portanto, é imprescindível refletirmos sobre as determinações da existência de tantas produções teóricas e como estas podem impactar a formação e prática das/os psicólogas/os. Dada essa realidade, a questão da crise da Psicologia discutida por Vigotski (2004/1927) pode nos trazer fecundos elementos para realizarmos esse movimento de reflexão.

Em seu precioso texto, Vigotski (2004/1927) opera um acerto de contas, por assim dizer, com a Psicologia de seu tempo e seus pensadores. Nesse sentido, o autor tece críticas a diversos contemporâneos seus, tendo como centro das críticas a questão metodológica em Psicologia.

Esse é um texto muito rico, com uma enorme amplitude, Vigotski faz muitas discussões e com grande profundidade; discute conceitos de diferentes teorias, discorre longamente sobre a questão do inconsciente para a Psicologia; contrapõe diferentes autores entre si e se posiciona a respeito da temática; cita e usa obras de Arte para fazer analogias; analisa e propõe resoluções, saídas para os conflitos que identifica. Por isso, também, é um texto de difícil leitura. Penso que esse texto ilustra perfeitamente a genialidade de Vigotski, mostra a vastidão do conhecimento que tinha e como estava apropriado do conteúdo da produção em Psicologia até então.

Vigotski identifica uma crise na Psicologia, caracterizando-a em um primeiro momento como uma crise de fragmentação ou dispersão e argumentará em favor da necessidade de sua superação (Carvalho et al., 2021). De acordo com Costa e Martins (2018), Vigotski elucida que tal crise na Psicologia se faz presente pelo fato de que as várias abordagens psicológicas são marcadas por duas tendências teóricas: de orientação idealista ou materialista. Segundo Vigotski (2004/1927), a Psicologia está marcada por esse dualismo, que se encontra entranhado em todo o seu desenvolvimento. Sobre tal questão o autor nos fala:

A tese de que *existem duas psicologias* (a científico natural, materialista, e a espiritualista) expressa com mais precisão o significado da crise do que a tese da existência de *muitas* psicologias. *Psicologias*, sendo exato, existem *duas*: dois tipos distintos, inconciliáveis de ciência; duas construções do sistema de saber radicalmente diferentes. O restante são só diferenças nas perspectivas, escolas, hipóteses; combinações parciais, tão completas, tão confusas e entremeadas, cegas e caóticas, que com frequência é muito difícil se orientar. Mas, na verdade, a luta só se dá entre duas tendências que subjazem e atuam em todas as correntes em litígio. (Vigotski, 2004/1927, p. 335) [grifos do autor].

O termo espiritualista empregado por Vigotski se refere à orientação idealista; no texto o autor utiliza ambos os termos. Para uma compreensão mais aprofundada da questão, é necessário que tenhamos uma apreensão, mesmo que de forma resumida e breve, sobre o que são materialismo e idealismo.

Primeiramente, pontuo que existem ramificações tanto dentro do pensamento materialista quanto do idealista, mas não irei aqui adentrar nessas especificações, oferecendo apenas uma visão geral sobre do que se tratam. O materialismo, de um modo geral, considera a natureza como o elemento primário, enquanto o idealismo defende o oposto, dando à consciência a primazia em relação à realidade externa (Lefebvre, 1991).

Escobar (2003), em sua análise do texto de Lênin “Materialismo e Empiriocriticismo”, explica que para o revolucionário russo havia, na Filosofia, uma luta entre dois grandes campos: o idealismo e o materialismo. Esta é uma compreensão compartilhada por Lefebvre (1991). Tal luta é travada pela disputa por oferecer a resolução ao problema ontológico fundamental da Filosofia, que para o materialismo seria reconhecer a primazia do ser em relação à consciência e para o idealismo o inverso (Escobar, 2003).

Marx e Engels já se colocavam contra o idealismo e o materialismo vulgar, e a tradição marxista assim seguiu, tomando o materialismo por um “tipo menos rígido, não reducionista; mas o conceito tem sido desenvolvido de várias maneiras.” (Bottomore, 2013, p. 403). É importante notar que Marx, na sua crítica ao idealismo e suas diferentes formas, não negava que as ideias podem ser determinantes causais, o que combatia era a noção de seu primado sobre a matéria (Bottomore, 2013). Moura (2019, pp. 140-141) expõe a elaboração marxiana do materialismo de forma clara:

[...] Marx já chama a atenção para um importante aspecto do seu materialismo, a saber, as mudanças que ocorrem no pensamento são decorrentes, em certa medida, das mudanças que se dão na realidade material e social. Um tipo de mudança está vinculado ao outro, mas não há como negar que, em última instância, não é a mudança no pensamento que produz uma mudança real, efetiva; na verdade, são as mudanças que ocorrem na realidade que acabam por transformar o pensamento.

Sobre o ponto em questão, Vigotski (2004/1927, p. 388) considera que “a pedra angular do materialismo é a tese de que a consciência e o cérebro são produto e parte da natureza e refletem o resto da natureza”, compreensão que o aproxima das elaborações dos autores citados. No desenrolar de sua crítica operada no texto previamente referido, o autor mostra que a Psicologia partiu de concepções idealistas e afirma que a Psicologia idealista é impossível como ciência. Ainda sobre esse ponto, trazemos mais de Vigotski (2004/1927, p. 331):

Todos os psicólogos estão de acordo com que as ciências da natureza, assim como toda a práxis humana, naturalmente não resolvem a questão relativa à essência da matéria e do espírito, mas aceitam partir de um determinado pressuposto: concretamente da premissa da realidade, de que esta existe objetiva e regularmente fora de nós e é cognoscível. E isto é, como afirmou várias vezes V. I. Lênin, a própria essência do materialismo (ano, p. 149 ss.).

Colocado esse entendimento sobre o que era a crise da Psicologia, podemos passar para qual era, para Vigotski, o seu significado. Para o autor, o significado da crise se expressa através das duas psicologias, a materialista e a idealista, sendo que o que chama de “significado completo da crise” é o fato de que a Psicologia, em seu desenvolvimento, se despreocupou da questão da construção de sua metodologia própria ou, para colocar nas palavras do próprio, “a pedra que foi rejeitada pelos construtores, esta veio a ser a pedra angular” (Vigotski, 2004/1927, p. 346).

Para Vigotski a metodologia seria “um sistema de conceitos intermediários, concretos, adaptados à escala de conceitos da ciência em questão”, é a “alavanca por meio da qual a filosofia dirige a ciência” (2004/1927, p. 391). A metodologia seria, ainda, a estrutura que proporciona esteio a determinada ciência e, utilizando a analogia que Vigotski (2004/1927) mesmo emprega, é a armação óssea, o esqueleto que dá sustentação ao animal.

Aqui chegamos ao ponto de qual era a saída que Vigotski apresentou para a crise. Na sua leitura do texto aqui discutido, Lordelo (2011) explica que, como resolução da crise, Vigotski propunha a construção de uma Psicologia geral. Segundo Costa e Martins (2018), é neste texto que Vigotski semeia as bases filosóficas e metodológicas para sua proposta de Psicologia científica, que mais tarde seria denominada de Psicologia Histórico-Cultural. É importante salientar que tal ideia de crise da Psicologia não foi primeiramente identificada por Vigotski; o que há de novo em sua análise é a proposição de uma alternativa a ela (Costa & Martins, 2018).

A resolução da crise se daria, então, por meio da construção da Psicologia geral. Para Vigotski, a Psicologia tinha apenas um herdeiro: a corrente materialista, sobre a qual se construiriam as bases do que chamou de Psicologia geral. Sobre esta, o autor explica que a “dialética abarca a natureza, o pensamento, a história: é a ciência em geral, universal ao máximo. Essa teoria do marxismo psicológico ou dialética da psicologia é o que eu considero psicologia geral” (Vigotski, 2004/1927, p. 393).

As duas citações seguintes são especialmente precisas para compreendermos, de forma mais apropriada, o que Vigotski (2004/1927) entendia ser a Psicologia geral e, por isso, escolho preservar suas palavras:

O que sim pode ser buscado previamente nos mestres do marxismo não é a solução da questão, e nem mesmo uma hipótese de trabalho (porque estas são obtidas sobre a base da própria ciência), mas o método de construção [da hipótese - R.R.]. Não quero receber

de lambuja, pescando aqui e ali algumas citações, o que é a psique, o que desejo é aprender na globalidade do método de Marx como se constrói a ciência, como focar a análise da psique. (Vigotski, 2004/1927, p. 395).

Proponho, pois, esta tese: a análise da crise e da estrutura da psicologia testemunha indiscutivelmente que nenhum sistema filosófico pode dominar diretamente a psicologia como ciência sem a ajuda da metodologia, ou seja, sem criar uma ciência geral; que a única aplicação legítima do marxismo em psicologia seria a criação de uma psicologia geral cujos conceitos se formulem em dependência direta da dialética geral, porque essa psicologia nada seria além da dialética da psicologia. (Vigotski, 2004/1927, p. 392).

É importante pontuar que, em outra passagem do texto, Vigotski (2004/1927) situa os termos teorias intermediárias, metodologias e ciências gerais como sinônimos; isto posto, a Psicologia geral seria, então, a teoria intermediária, que seria construída sobre a base do método marxista, o materialismo histórico-dialético, e por meio da qual se daria a produção do conhecimento sobre a psique. Para ser exitosa na tarefa da criação de sua metodologia, Vigotski (2004/1927) pondera que a Psicologia precisa desvelar a essência do seu objeto de estudo, apreender o seu funcionamento, suas categorias, ao passo que também precisa dessa criação para que possa observar, descrever, investigar esse objeto. Para ilustrar a tarefa colocada, Vigotski traça um paralelo com *O Capital*, de Karl Marx, afirmando que era necessário se escrever *O Capital da Psicologia*, obra em que Marx elabora uma teoria sobre o funcionamento da sociedade capitalista, descortinando-a e explicando em sua essência.

Tomo a porção final desta subseção para trazer uma última consideração sobre as questões que estavam implicadas na crise, que diz respeito às nomenclaturas que foram sendo criadas para denominar as diferentes teorias psicológicas. Vigotski (2004/1927) dedica um momento de seu texto para discutir sobre por qual nome deveríamos chamar nossa ciência e ele conclui, em uma bonita passagem, que:

Por isso diremos simplesmente: psicologia. O que faremos será explicar com outros termos outras correntes e escolas e separar delas o científico do não-científico, a psicologia do empirismo, da teologia, do idealismo e de tudo mais que aderiu a nossa

ciência ao longo dos séculos de sua existência como ao casco de um transatlântico. (Vigotski, 2004/1927, p. 416).

Nosso autor considera que a tarefa posta ao seu tempo seria juntar, sobre uma nova base, seu trabalho; ele se refere como “nosso trabalho” (Vigotski, 2004/1927, p. 417) a todo o acúmulo de conhecimento cientificamente produzido em Psicologia, formando um todo uno, sendo que o objetivo deste movimento seria diferenciar a Psicologia do não-científico.

O texto de Vigotski foi escrito na década de 1920 e, passados quase 100 anos deste, penso ser importante trazermos esse debate para nosso tempo. Nesse sentido, Lordelo (2011) aponta que a questão da fragmentação da Psicologia parece ser um fato ainda presente atualmente e, conforme argumentam Carvalho et al. (2021), a elaboração de Vigotski acerca dessa temática contém abundância de recursos para o ensino da história da Psicologia e sua epistemologia; assim, ressalto a importância desta questão para a discussão proposta por esta pesquisa.

3.2 Significado social e sentido pessoal

Nesta subseção irei apresentar os conceitos de significado social e sentido pessoal, sendo que o sentido foi primeiramente formulado por Vigotski e, posteriormente, Leontiev (2021/1974) o batiza de sentido pessoal e desenvolve também o significado social. Esses conceitos estão no cerne de um dos objetivos gerais desta pesquisa, sendo este a busca pela compreensão sobre qual o sentido pessoal da teoria na prática para psicólogas/os atuantes em Psicologia, e, por isso, têm aqui uma importância basilar.

Os conceitos de significado social e sentido pessoal estão localizados na formulação de Leontiev (2021/1974) a respeito da teoria da Atividade. Portanto, irei apresentar o que se entende por atividade, dando enfoque às atividades de trabalho e de estudo, que são as que concernem a esta dissertação.

Segundo Leontiev (2021/1974) a atividade medeia as relações entre o sujeito e o mundo, e se constitui por um processo estimulado e orientado por um motivo e, neste, alguma necessidade humana é objetivada. É na/por meio da atividade que os seres humanos interagem com a realidade, de modo a satisfazer e, simultaneamente, criar necessidades (Carvalho & Martins, 2020).

O processo de desenvolvimento humano é condicionado pela atividade dominante em cada estágio desse processo, sendo que por atividade dominante se compreende aquela que em

seu desenvolvimento conduz as mudanças mais essenciais nos processos psíquicos da criança (Leontiev, 2004/1978). A atividade dominante guarda três características:

Primeiramente, é aquela sob a forma da qual aparecem e no interior da qual se diferenciam tipos novos de atividade. [...] Segundo, a atividade dominante é aquela na qual se formam ou se reorganizam os seus processos psíquicos particulares. [...] Terceiro, a atividade dominante é aquela de que depende o mais estreitamente as mudanças psicológicas fundamentais da personalidade da criança observadas numa dada etapa do seu desenvolvimento. (Leontiev, 2004/1978, p. 311).

Nessa direção, Abrantes e Bulhões (2020) defendem que a atividade dominante referente ao período da juventude (início da época adulta) deve pressupor uma unidade entre a atividade de estudo profissionalizante e a atividade produtiva e sublinham que a predominância de uma ou outra é determinada pelas condições materiais de vida do jovem em relação aos meios de produção. Os sujeitos da presente pesquisa não estão localizados em tal estágio do desenvolvimento, estando situados no período da idade adulta; no entanto, como o processo da formação inicial decorre, de maneira geral, nestes anos do desenvolvimento, é necessário darmos atenção a tal aspecto.

Referente à idade adulta, a atividade dominante deste período do desenvolvimento é “representada pela atividade da produção social consubstanciada no trabalho” (Carvalho & Martins, 2020, p. 268). O trabalho exprime atividades especificamente humanas, sendo uma delas a capacidade teleológica, atividade em que a intervenção sobre um objeto de modo a transformá-lo se inicia no pensamento do sujeito que realiza tal intervenção, e ao fim do processo, tem-se um produto real (Vázquez, 2011). Esse é o sentido ontológico do trabalho; nele estão contidas as potencialidades de desenvolvimento humano; no entanto, no seio da sociabilidade capitalista o trabalho é subordinado à reprodução do capital, assumindo a forma de trabalho alienado (Pasqualini, 2020).

Leontiev (2021/1974) explana que no decurso do desenvolvimento da atividade humana ela se torna polimotivada, ou seja, responde concomitantemente a diferentes motivos. O autor exemplifica:

[...] a atividade de trabalho é socialmente motivada, mas ela é dirigida também por outros motivos, como, digamos, a gratificação material. Ambos os motivos, embora existam, encontram-se como que em planos distintos. No contexto das relações socialistas, os motivos sociais dão origem ao sentido do trabalho para o trabalhador; quanto à gratificação material, esse motivo, é claro, também atua, mas apenas na função de estímulo; apesar de também suscitar ou “dinamizar” a atividade, tal motivo não desempenha a função principal, isto é, a função de formação de sentido. (Leontiev, 2021/1974, pp. 219-220).

Conforme postulado por Leontiev (2021/1974), a atividade possui uma estrutura geral. Essa estrutura é composta por necessidades, motivos, ações e operações. Por motivo se entende o que impele o sujeito à ação, orientando-a na direção da satisfação de uma necessidade; a ação, como posto por Leontiev, é um processo em que seu motivo não corresponde com o fim a que ela se dirige; porém, compõe o conjunto de ações da atividade; a operação é a forma de execução da ação, e que será determinada pelas condições materiais de realização da ação (Tuleski & Eidt, 2020).

Como indicado na citação acima, os motivos diferenciam-se entre si, assumem funções diferentes, de modo a constituir uma hierarquia de motivos. Como esclarece Leontiev (2021/1974), alguns motivos engendram a atividade e conferem a ela um sentido pessoal, a estes o autor chamou de motivos formadores de sentido; os motivos que realizam a função de estimular a atividade são chamados de motivos-estímulos. Os motivos formadores de sentido são hierarquicamente superiores aos motivos-estímulos.

Leontiev (2021/1974) explana que a consciência humana, bem como a atividade em si, não é uma superfície ou um espaço a ser recheado por imagens, vivências, processos; ela consiste na dinâmica interna daqueles são seus formadores, o tecido sensorial, os significados e sentidos, sendo que esta dinâmica se inclui no movimento do sistema de atividades, pelo qual a vida do sujeito é realizada em sua relação com o mundo. Desse modo, a atividade dos sujeitos também compõe o que se configura como o fundamento da consciência.

Como um dos formadores da consciência humana, os sentidos pessoais criam a sua parcialidade, na medida em que estes e o tecido sensorial da consciência não têm uma existência localizada externamente ao indivíduo, assim sendo, “a sensibilidade exterior liga na consciência

do sujeito os significados com a realidade do mundo objetivo, o sentido pessoal os liga com a realidade de sua própria vida nesse mundo, com seus motivos.” (Leontiev, 2021/1974, p. 172).

Segundo Vigotski (2004/1927, p. 297), no vocabulário da Psicologia existe um “conglomerado de três classes de palavras”, sendo que um deles é um grupo de palavras que pertencem à linguagem cotidiana e são polissemânticas. Nessa direção, Asbahr (2014) identifica que sentido e significado são conceitos que expressam significativa multiplicidade semântica, visto que são apresentados por diferentes perspectivas teóricas em inúmeros campos do conhecimento, e citando Namura (2004), esclarece que o conceito de sentido é discutido pela Psicologia desde seus primórdios como ciência.

Conforme explica Asbahr (2014), o sentido é um conceito inacabado e não está presente na obra de Vigotski de forma abrangente, contudo, mesmo sua tímida presença tenha contribuído de forma importante para a compreensão acerca da constituição da consciência humana, bem como para superar o entendimento fragmentário sobre a relação entre cognição e emoção. Diante deste fato e da banalização dos conceitos de sentido e significado, a autora pondera que estes têm sido apresentados a partir de uma perspectiva subjetivista, que entende a atribuição de sentido descolado da atividade social do sujeito; ademais, também identifica que muitas vezes não é estabelecido de qual referencial teórico se parte para explicar tais conceitos (Asbahr, 2014).

Vigotski (2009/1934) distingue sentido da palavra e significado da palavra, sendo que o sentido guarda uma plasticidade muito maior do que o significado. Segundo Vigotski (2009, p. 465), Paulham demonstrou que “[...] o sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência”, sendo também:

[...] sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata. Como se sabe, em contextos diferentes a palavra muda facilmente de sentido. Em regra, na linguagem falada caminhamos do elemento mais estável e constante do sentido, de sua zona mais constante, isto é, da zona do significado da palavra, para as suas zonas mais fluidas, para o seu sentido conjunto. Na linguagem interior, ao contrário, o predomínio do sentido sobre o significado [...] é levado ao seu limite matemático e representado em forma absoluta. (Vigotski, 2009/1934, pp. 465-467).

A consciência é a terra do sentido. O sentido tem a ver com a linguagem interna, com a consciência do sujeito. Segundo Asbahr (2014), Leontiev continua e aprofunda a investigação sobre esse conceito. Passemos, então, às contribuições deste teórico.

Leontiev (2021/1974) pontua que Marx foi quem primeiro estabeleceu o método de análise científica para conhecimento sobre a gênese e funcionamento da consciência humana e, como escrevem os próprios Marx e Engels (2007/1845-1846, p. 94) “Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência”. A origem da consciência, social e individual, está na atividade de trabalho social humana, que impôs a necessidade de seu surgimento. Para Leontiev (2021/1974, p. 177), a consciência:

[...] não é uma superfície, ou mesmo um volume, preenchido por imagens e processos. Ela também não é as ligações de suas “unidades” isoladas, mas um movimento interno de seus formadores, o qual está incluído no movimento geral da atividade, que realiza a vida real do indivíduo na sociedade. A atividade da pessoa também constitui a substância de sua consciência.

Tais formadores da consciência a que Leontiev (2021/1974) se refere, são justamente os conceitos sobre os quais nos debruçamos nesta subseção: os significados e sentidos pessoais. Prossigamos no entendimento sobre a consciência. Leontiev (2021/1974) sublinha que o caráter essencial desta reside no fato de que ela é um elemento constituinte do movimento da atividade humana. Em suma, a consciência expressa, sob forma ideal (de ideias), o processo pelo qual o sujeito se apropria da realidade, do mundo objetivo; processo que, para o autor é de possível acesso à investigação científica (Leontiev, 2021).

Para Leontiev (2021/1974, p. 151) a consciência individual é a forma propriamente humana “de reflexo subjetivo da realidade objetiva” e deve ser entendida como produção, resultado das relações e mediações que se dão ao longo da formação e desenvolvimento social; o autor é taxativo ao dizer que a existência da consciência individual é impossível se descolada desse conjunto de relações e da consciência social. Em relação às particularidades psicológicas da consciência de cada sujeito, Leontiev (2021/1974) esclarece que elas apenas podem ser compreendidas na medida em que as tomarmos no contexto das relações sociais em que vive e opera o sujeito.

Avançando na compreensão sobre a formação da consciência, Leontiev (2021/1974) discorre sobre o que chama de seu tecido sensorial, que seria o elemento da realidade concreta que aparece na consciência individual sob a forma de imagens sensoriais, é o “conteúdo

sensorial da consciência” (p. 154), e é por meio desse tecido sensorial que o mundo pode aparecer para a pessoa como algo externo a sua consciência. Leontiev (2021/1974) conclui que estaríamos impossibilitados de percebermos o mundo objetual se não tivéssemos a faculdade do pensamento e que não poderíamos pensar o mundo se antes não o percebêssemos por meio do contato sensorial.

As imagens sensoriais são representantes de uma forma de reflexo psíquico, sendo construídas pela atividade prática do sujeito e passam a dispor de uma qualidade nova, a de sua significação (Leontiev, 2021/1974). O autor coloca os significados como os mais fundamentais formadores da consciência do ser humano. São os significados que:

[...] refratam o mundo na consciência da pessoa. Embora a língua seja a portadora dos significados, ela não constitui seu demiurgo. Por trás dos significados da língua se ocultam modos socialmente elaborados (operações) de ação, em cujo processo as pessoas alteram e conhecem a realidade objetiva. Em outras palavras, nos significados está representada a forma ideal de existência do mundo objetual, transformada e convertida em matéria da língua, suas propriedades, conexões e relações, ocultas pela prática social conjunta. Por isso, os significados, por si só, ou seja, abstraídos de seu funcionamento na consciência individual, são tão “não psicológicos” quanto a realidade socialmente percebida, que está por trás deles. (Leontiev, 2021/1974, p. 161).

Os significados são construídos socialmente; neles estão contidos os modos, as condições objetivas e os resultados de ações humanas coletivas, que independem das motivações subjetivas dos indivíduos que realizam determinada ação. Assim, quando os sujeitos participantes da atividade de trabalho compartilham de motivos comuns para sua realização, os significados se encontram em uma relação de correspondência direta com a consciência individual; no entanto, explica Leontiev (2021/1974), essa relação se desfaz com o surgimento da divisão social do trabalho e da propriedade privada. Da desintegração dessa relação de correspondência direta, ocorre que os significados passam a atuar de duas formas distintas na consciência do sujeito (Leontiev, 2021/1974). Sobre esse duplo aspecto dos significados, o autor exemplifica:

[...] é óbvio que qualquer pessoa que tenha estudado por um tempo compreende perfeitamente o significado da nota de um exame e as consequências dela decorrentes. Contudo, a nota pode aparecer na consciência de cada pessoa de forma essencialmente

distinta, digamos, como passo (ou obstáculo) no caminho da profissão escolhida, como forma de afirmação de si mesmo aos olhos dos demais ou, talvez, de alguma outra forma. (Leontiev, 2021/1974, p. 165).

É essa condição dupla que demandou a feitura da diferenciação entre o significado socialmente produzido e o significado existente na consciência de cada pessoa; assim, o segundo fato Leontiev (2021/1974) chamou de sentido pessoal. Conforme Pessoa (2018), é do sentido pessoal que o sujeito parte para construir suas múltiplas relações: com o mundo, com os outros seres humanos e consigo. Um último aspecto sobre o sentido pessoal, que considero fundamental para o andamento de nossa discussão, é o fato de que os sujeitos podem atribuir aos significados um sentido pessoal que não coincida com a compreensão socialmente partilhada sobre determinado significado, podendo, inclusive, apresentar antagonismo se contrastados (Leontiev, 2021/1974).

Considerando que esta pesquisa pretende compreender qual o sentido da teoria na prática profissional para psicólogas/os, me encontro em concordância com Pessoa (2018) ao dizer que as investigações da Psicologia Histórico-Cultural acerca do sentido (e significado) oferecem contribuições potentes para refletirmos a respeito da formação do sujeito nas minúcias de sua singularidade.

4. Percurso metodológico

“A possibilidade da psicologia como ciência é, antes de mais nada, um problema metodológico.” (Vigotski, 1928, p. 389).

Considerando o aporte teórico desta pesquisa, a Psicologia Histórico-Cultural, a crítica de Vigotski (2004/1927) à metodologia em Psicologia, a centralidade da aproximação com o marxismo para minha formação humana e profissional, como discorri a respeito anteriormente, na busca por coerência com tais aspectos, intentei apoiar-me no materialismo histórico-dialético como método para o desenvolvimento das análises. Assinalo que minha apropriação de tal método encontra-se muito inicial, de modo a estabelecer limitações naquilo que pode ser apreendido e elaborado a respeito do objeto de estudo desta pesquisa, que se configurou como o sentido pessoal de psicólogas/os a respeito da função da teoria na prática em Psicologia.

De acordo com Paulo Netto (2011), Marx finalmente elabora com exatidão os elementos centrais do materialismo histórico-dialético – as categorias de totalidade, contradição e mediação – ao final de quase 15 anos de pesquisas: desta maneira, este método é produto de um longo processo de investigação. É importante salientar que, conforme explica o autor, para Marx o método não se constitui em um agrupamento de regras que devem ser aplicadas ao fenômeno que se intenta investigar; o método demanda que o sujeito que pesquisa, em sua relação com o objeto, apreenda aquelas que são suas múltiplas determinações (Paulo Netto, 2011).

Martins e Lavoura (2018), fundamentados pelas formulações de Marx, explicitam a distinção entre método e procedimentos de pesquisa: o método é a relação por meio da qual o sujeito do conhecimento desvela as expressões fenomênicas do objeto, apreende seu movimento interno de modo a explicitar suas determinações e seu desenvolvimento, e o conjunto de procedimentos de pesquisa é o meio pelo qual o método é posto em movimento.

Para Marx, a produção do conhecimento científico deve se desenvolver pela ascensão do abstrato na direção do concreto, o que implica apreender as relações entre os determinantes da totalidade de um objeto da realidade, sendo que por totalidade se compreende a “unidade de máxima complexidade constituída por diferentes elementos também complexos (com menores graus de complexidade), os quais, em suas relações, constituem e sintetizam aquela totalidade.” (Martins & Lavoura, 2018, p. 227).

É no movimento de tais relações constitutivas do objeto que está manifesta sua lógica interna, em sua relação dialética entre singular-particular-universal (Oliveira, 2005). Em uma síntese da dinâmica de tal relação, a autora elucida que a universalidade se concretiza na singularidade por meio da particularidade, das mediações sociais que condicionam e explicam a dinâmica da singularidade, de modo que “o singular é tão mais compreendido, quanto mais se tenha captado suas mediações particulares com a universalidade.” (Oliveira, 2005, p. 20).

Conforme a autora (Oliveira, 2005), para compreendermos a dialeticidade, o movimento da relação entre singular-particular-universal, é necessário depreender suas três dimensões essenciais: a dimensão ontológica, que se refere ao processo de humanização do ser humano; a dimensão epistemológica, como se conhece tal processo e a dimensão lógica, sendo que o referido processo possui uma lógica que é peculiar, a dialética.

A partir de tais preceitos busquei identificar a singularidade, a particularidade e a universalidade em meu objeto de estudo, e no desenvolvimento das análises intentei apreender as mediações particulares concernentes à formação de sentido pessoal sobre a relação entre teoria e prática para os sujeitos entrevistados. As análises foram estruturadas nos seguintes eixos: a) formação inicial e continuada; b) concepções teóricas: ser humano, mundo e teorias; c) significados sociais e sentidos pessoais sobre a relação entre teoria e prática em Psicologia.

Como instrumento do processo empírico, lancei mão da entrevista semiestruturada, que se configura adequada para a pesquisa, pois a intenção é que as/os psicólogas/os participantes compartilhem suas reflexões acerca do desenvolvimento de suas práticas, discorrendo sobre como compreendem a relação entre teoria e prática e, portanto, sendo necessário que tais participantes estejam atuantes há pelo menos três anos após a conclusão da graduação.

Buscando a construção de ambiente de confiança para que as/os psicólogas/os participantes contem suas histórias, tomei como referência a elaboração de Bosi (2003); para a autora, a qualidade da entrevista está diretamente ligada à qualidade do vínculo entre narrador e ouvinte, entrevistado e entrevistador, devendo se configurar como um encontro em que a responsabilidade pelo outro seja priorizada. Sobre o registro das entrevistas, a autora demarca que o pesquisador deve estar atento aos silêncios e hesitações do entrevistado, pois estes denotam autenticidade na narrativa de quem conta (Bosi, 2003).

Discorrendo sobre as características da entrevista semiestruturada, Willig (2013) explica que elas são compatíveis com diversos métodos de análise de dados, consistindo em um pequeno número de perguntas abertas, orientadas pela pergunta da pesquisa, ou em tópicos temáticos e permitindo, assim, que a/o pesquisador/a presencie a pessoa entrevistada discorrer sobre determinado aspecto de sua vida. A entrevista deve ser gravada via áudio ou vídeo e

transcrita, possibilitando que seja plenamente realizada a análise de seu conteúdo (Willig, 2013).

A forma de encontro dos sujeitos da pesquisa se deu por meio da mobilização de contatos pessoais, com exceção de Roberto, a quem cheguei por meio de indicação, pois àquele momento havia realizado três entrevistas, e o entrevistado e as entrevistadas atuavam na área Clínica e no serviço público; dessa maneira, a intenção era entrevistar um/a psicólogo/a que atuasse em uma área diversa. O primeiro contato foi efetuado por meio de mensagem textual no aplicativo *Whatsapp*, salvo Roberto, com quem entrei em contato via ligação para a secretaria da escola onde trabalha. Realizado o convite para participação na pesquisa, agendamos dia e horário de acordo com a disponibilidade das/os entrevistadas/os. Como forma de esclarecimento dos objetivos da pesquisa e asseguarção de confidencialidade, preservação do anonimato e sigilo dos dados, as/os participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), tendo sido por eles devidamente assinado. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia (CAAE 59685922.7.0000.5152).

Estabelecido o primeiro contato com as/os psicólogas/os, apresentada a pesquisa e seus objetivos e tendo sido assinado (de modo digital) o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice A), as entrevistas aconteceram de modo *online*, conforme escolha e possibilidade geográfica das/os participantes, via plataforma de videoconferência Skype, que disponibiliza o *download* da gravação realizada. Com o devido consentimento das/os participantes, todas as quatro entrevistas foram gravadas, para que pudessem ser, posteriormente, transcritas e analisadas com aprofundamento.

O Roteiro de Entrevista (Apêndice B) contempla questões concernentes à concepção de ser humano e de mundo das/os entrevistadas/os; sua definição sobre o que é Psicologia; a teoria que fundamenta sua prática; qual papel essa teoria tem na prática da/o entrevistada/o; o que destacam em sua formação; o processo de escolha da área de atuação; observações quanto aos impactos de sua prática na vida daqueles com quem trabalham.

Os participantes da pesquisa foram duas psicólogas e dois psicólogos, sendo elas/es: Joane, Serena, Elisa e Roberto¹¹. Na Tabela 1 apresento alguns importantes aspectos sobre elas/es.

¹¹ Todos os nomes são fictícios e foram escolhidos pelas/os próprias/os participantes da pesquisa.

Tabela 1*Apresentação das/os participantes da pesquisa*

Psicóloga/o	Tempo de formação em Psicologia	Formação inicial	Formação continuada	Referencial teórico
Elisa	9 anos	Graduação em Psicologia em universidade privada	Curso em Construcionismo, Terapia Narrativa, Dialógica; Supervisão	Construcionismo; Psicologia Sistêmica
Serena	5 anos	Graduação em Psicologia em universidade pública	Formação em Acompanhamento Terapêutico; Grupo de estudos/intervisão; Supervisão	Esquizoanálise; Psicologia Histórico-Cultural
Joane	5 anos	Graduação em Psicologia em universidade pública	Especialização em Sexologia; Supervisão; Psicoterapia pessoal	Construcionismo; Esquizoanálise; Psicanálise; Psicologia Histórico-Cultural; Teoria Decolonial
Roberto	18 anos	Graduação em Psicologia em universidade pública	Formação em Hipnoterapia Ericksoniana	Psicologia Cognitiva; Teoria Sistêmica

Fonte: a pesquisa

Como acima mencionado, as entrevistas ocorreram no formato *online*, via plataforma *Skype*, tiveram aproximadamente uma hora de duração, como previamente informado às/aos participantes. Considerando que as entrevistas foram realizadas de modo *online*, as/os participantes estávamos (eu inclusa) cada um/a em sua casa (com exceção de Roberto, que estava no local de trabalho). Acredito que este fato contribuiu para a construção de um ambiente minimamente confortável e seguro, pois conforme Bosi (2003, p. 59) quando a entrevista é realizada na casa da/o entrevistada/o “[...] estaremos mergulhados na sua atmosfera familiar e beneficiados pela sua hospitalidade”. Cada entrevista transcorreu tranquilamente, contendo momentos de descontração de ambas as partes envolvidas. As/os entrevistadas/os estiveram atentas/os às perguntas, participaram de maneira engajada na conversa, tomando tempo para refletirem sobre suas respostas, questionando quando não entenderam alguma pergunta ou confirmando o que escutaram.

5. Análises

Gostaria de abrir esta seção estabelecendo o entendimento de que os três eixos de análise propostos 1) *Formação inicial e continuada*, 2) *Concepções teóricas: ser humano, mundo e teorias* e 3) *Significados sociais e sentidos pessoais sobre a relação entre teoria e prática em Psicologia* constituem a totalidade do objeto de estudo desta pesquisa e, portanto, não estão separados, mas constituem-se mutuamente. No processo analítico procurei estar atenta a esse movimento dialético, na tentativa de desenvolver uma análise a partir da dialética do singular-particular-universal e de fazer uma apreensão aprofundada sobre o objeto analisado, sem operar fragmentações. Isto posto, adiante, para fins de estruturação do texto, exponho a arguição em cada um dos eixos, com a compreensão de que estes, na realidade concreta, não estão separados e que mesmo no esforço de organização desse trabalho, tais eixos, em determinados momentos, intercruzar-se-ão.

Entendendo essa não separação entre os eixos supracitados, faço um convite para que a leitura desta seção seja feita acompanhada da seguinte reflexão: *estudar, pesquisar a relação entre teoria e prática deve ser estudar, pesquisar as atividades de estudo e de trabalho, pois essa relação deve compreender ambas as atividades; portanto, ambas constituem tal relação.* O polo teoria deve ser aprendido e desenvolvido na/pela atividade de estudo, o polo prática deve ser aprendido e desenvolvido na/pela atividade de trabalho. A atividade de estudo é atividade essencial para os processos de aprendizagem e desenvolvimento, bem como para a apropriação da teoria. A atividade de trabalho é essencial para os processos de aprendizagem e desenvolvimento da prática. Ambos os polos da relação, teoria e prática, são apreendidos e desenvolvidos em ambas as atividades, pois esta é uma relação dialética, mas me parece que comumente a atividade de estudo é considerada a principal para o polo teoria e a atividade de trabalho para o polo prática.

A apropriação da teoria não é possível sem a atividade de estudo. O desenvolvimento da prática não é possível sem a atividade de trabalho, desenvolvimento este potencializado, ampliado pela aprendizagem da teoria possibilitada pela atividade de estudo. O movimento inverso também é verdadeiro; a apropriação da teoria é ampliada pela aprendizagem e pelo desenvolvimento da prática, como apontarei na análise a seguir.

1) **Formação inicial e continuada**

Considerando o acima estabelecido sobre a totalidade do objeto de estudo desta pesquisa e de como, por isso, os eixos de análise tomados aqui não estão separados uns dos outros, neste eixo apresentarei questões que os sujeitos da pesquisa destacaram sobre sua formação inicial, bem como suas experiências de formação continuada. A formação continuada se deu como fundamental para a transformação do sentido pessoal sobre a relação entre teoria e prática, para a aprendizagem e desenvolvimento da teoria e da prática, e a ausência da formação continuada também denota outras questões e, dessa maneira, tais discussões aparecerão articuladas nos próximos eixos de análise, na intenção de propiciar melhor compreensão sobre as análises desenvolvidas e para que o texto não se tornasse repetitivo.

Para adentrarmos propriamente na análise, é necessário primeiramente estabelecer quais são os significados de formação inicial e continuada que fundamentam esta dissertação. Por formação inicial trato, aqui, a graduação em Psicologia, embora pense que existam “formações iniciais”, fora do âmbito da formação acadêmica, que concernem aos encontros, experiências de vida às quais os sujeitos podem ter acesso, que também se fazem determinantes para os caminhos profissionais percorridos por psicólogas/os. Segundo Lopes (2016), abordar a temática da formação continuada implica em certo desafio, pois o conceito é apresentado a partir de diversas definições, sendo denominado de diferentes formas. Considerando esse aspecto, sigo os passos da autora:

[...] consideraremos o termo formação continuada devido à sua apropriação pela área da Educação e pelas estreitas relações que a Psicologia vem mantendo junto a esta área. Quanto às conceituações, apesar da diversidade, buscaremos tratar a formação continuada que encontra no *processo* - e não nos objetivos - sua maior contribuição. (Lopes, 2016, p. 45) [grifo da autora].

Adoto, então, a compreensão da formação continuada como o conjunto de atividades que dizem respeito ao processo de aprofundamento, de ampliação de saberes teóricos e práticos, de apropriação de novos conhecimentos, que se dá em meio a e junto da prática profissional, em uma relação dialética, sendo um “momento” que perdura (ou deveria perdurar) enquanto a/o psicóloga/o estiver no exercício da profissão.

Investigar a relação entre teoria e prática é necessariamente investigar as atividades de trabalho e de estudo, conforme esclarecem Abrantes e Bulhões (2020, p. 242):

[...] analisar o desenvolvimento no período da juventude e identificar a atividade dominante que permita “guiar” o desenvolvimento do jovem no intuito de uma práxis consciente é pressupor a unidade contraditória entre a *atividade de estudo profissionalizante* e a *atividade produtiva*, destacando que a predominância de uma delas ocorre pela determinação da posição que o jovem ocupa em relação aos meios de produção.” [grifo dos autores].

Nessa direção, chamam a atenção nas entrevistas as menções à atividade de estudo, sobre a qual não perguntei diretamente, pois só percebi o acima exposto ao longo do processo de pesquisa. Serena e Joane mencionam espontaneamente suas atividades de estudo. Joane parece ter um entendimento acerca da função da teoria que é decorrente mais de sua percepção imediata, como quando diz que lê um texto antes de um atendimento, o que amplia a sua prática naquele momento; ele entende que a teoria fundamenta a prática, expande, fomenta reflexões, mas isso decorre mais de sua percepção empírica, pois ele não tem apreensão sobre os determinantes mais essenciais dessa relação. Já Serena tem uma compreensão que vai além da percepção da realidade imediata, da aparência, pois ela discorre sobre como a apreensão de uma outra teoria possibilitou um aprofundamento sobre seu entendimento a respeito de fenômenos da realidade e, a partir desse aprofundamento, ela consegue criticar sua própria prática e formação, bem como tem consciência sobre as transformações que trabalhar com uma outra teoria produziu em sua prática.

Em relação aos destaques feitos pelos sujeitos sobre suas formações iniciais, Joane ressalta:

“[...] a primeira coisa que vem a minha mente são os momentos de mais expressividade em sala de aula [...] seminários com a [professora] no terceiro período, que a gente pode se expressar artisticamente, inclusive. As disciplinas com a [professora] sobre [...] Psicologia e Arte na formação do psicólogo. Os momentos de mais prazer pra mim foram os momentos de criticar a própria Psicologia ou as Psicologias a nível [sic] de pesquisa e de trazer a Arte pra discussão teórica também [...] muito da sensibilidade

dos professores, o acolhimento dos professores né, é um curso muito difícil de ser feito, eu acho que o acolhimento é imprescindível” (Joane).

O destaque de Joane sobre a Arte é interessante, pois traz a compreensão da importância da articulação com outras áreas do conhecimento para a formação e atuação em Psicologia. A esse respeito, Silva (2023) pondera que a imaginação e criação são habilidades fundamentais para o desenvolvimento da prática de psicólogas/os e defende que a Arte, enquanto campo do saber que guarda conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade, é território potente em oferta de condições promotoras de processos de desenvolvimento dessas funções psicológicas superiores. Segundo Silva (2023, p. 40) o contato com a Arte, com produções artísticas, permite “que as/os estudantes possam ampliar suas experiências, transformando seu psiquismo, ao ir além de suas vivências concretas, mais circunscritas aos limites do empírico. Tais experiências são fundamentais tanto para a formação pessoal quanto profissional”.

Serena também expressa compreensão sobre a importância da referida articulação, ao mencionar que:

“foi marcante na graduação foi aula de Filosofia [...] tinha uma discussão sobre mente e corpo [...] na Filosofia mesmo tinha o debate posto né, acho que o professor vinha apresentando as diferentes concepções sobre isso, mas eu não me lembro de, de finalizar essa matéria com uma síntese assim, com o entendimento de então, de onde que partiria a Psicologia” (Serena).

Disto surgem alguns questionamentos: como e por que um/a professor/a com formação em Filosofia teria conhecimentos sobre os primórdios da Psicologia sobre essa questão? É uma questão central para a Psicologia. Quem deveria ministrar essa disciplina?

Sobre sua formação inicial, Elisa compartilha:

“na [Universidade] eu acho que, aqui, por exemplo, no sul [...] nós não temos muito formação e direcionamento na faculdade em relação ao Construcionismo Social, em relação...até a Sistêmica. Então a teoria que eu tinha mais próxima da minha visão era a Sistêmica, então ao longo da faculdade eu fiz cursos, eu engajei com professores mais em relação a essa busca, [...] no último ano eu consegui também estágios já pra área Sistêmica” (Elisa).

“*Essa busca*” se refere ao encontro com a teoria com a qual se identifica, que naquele momento era a Sistêmica¹². Uma importante contextualização a ser feita é que o curso de graduação de Elisa era de meio período, pela manhã. Cinco anos de graduação, porém, em meio período.

Em relação aos destaques da formação inicial, Elisa compreende que teve:

“muita sorte de [...] ter acesso a diversos tipos de abordagem, diversas visões de mundo, diversas visões de pessoas assim, né, de ser humano né, [...] passei por várias das abordagens, [...] percebi que pra mim o maior diferencial foi isso, assim, essa abertura pra outras possibilidades, [...] a partir disso que desenvolveu a minha curiosidade assim, pra eu me aprofundar, em alguma” (Elisa).

Destaco "passar" como palavra-chave, neste trecho da entrevista; “passar” por uma abordagem quer dizer conhecê-la, de fato? Joane conta que em um mês estudou várias teorias e foi "*sentindo*" quais eram para ele ou não.

Os destaques que Serena e Joane fizeram sobre suas formações iniciais parecem guardar relação íntima com a formação de sentido pessoal sobre suas atividades de trabalho e sobre a relação entre teoria e prática. Serena relata o seu processo de constituição, de desenvolvimento de concepções de ser humano e mundo, que tiveram marcos na graduação. Joane ressalta o contato com a Arte, atualmente ele trabalha com o Teatro, articula essa prática com a prática Clínica. Os aspectos ressaltados por Elisa parecem ser mais pontuais. Leontiev (2021/1974, pp. 235-236) explica que as atividades são constituintes essenciais da personalidade e especifica que nos processos de desenvolvimento das atividades teóricas “o círculo destas é passível não apenas de se ampliar como de se empobrecer”. Serena e Joane destacaram as discussões em Filosofia e Arte enquanto campos do conhecimento que foram determinantes para suas formações, e podemos identificar uma continuidade e ampliação desses saberes nas relações de ambos com a teoria e a prática, pois Serena menciona questões filosóficas em suas respostas e Joane relata a presença da Arte em sua prática profissional. Elisa destacou aspectos curriculares sobre sua formação inicial; seus destaques não estão relacionados a discussões, críticas

¹² Gomes *et al.* (2014, p. 7) esclarecem “A Teoria Geral dos Sistemas também é conhecida por Teoria Sistêmica. Contudo, elas são diferentes, visto que a Teoria Geral dos Sistemas é mais ampla e abarca todas as áreas do conhecimento (Física, Química, entre outras). Já a Teoria Sistêmica está mais voltada para a área da Psicologia.”

realizadas em sala de aula, à apreensão, mesmo que introdutória, de aspectos teóricos e, desta maneira, eles ficaram circunscritos ao momento da graduação.

Sobre sua formação inicial, Roberto recorda-se de que “*na faculdade eu não tive uma oportunidade muito grande de realmente mergulhar na parte escolar*”. Pensando em termos do Projeto Político Pedagógico, Roberto se formou em 2004¹³, como era, qual era o alcance da produção em Psicologia Escolar e Educacional naquela época? O que a formação inicial precisa garantir? É imprescindível possibilitar a aproximação da/o estudante a determinadas discussões, como o acesso à produção crítica em Psicologia Escolar no Brasil, à discussão crítica sobre o problema epistemológico-metodológico da Psicologia. Não é possível assegurar o conhecimento aprofundado sobre as diferentes teorias, por isso o que deve ser garantido na formação inicial é o acesso à discussão epistemológica-metodológica, para que seja desenvolvida a capacidade de que, em suas formações continuadas, as/os profissionais possam ter uma criticidade em relação ao que estudarem. A crítica à Psicologia precisa ser instigada e realizada já na formação inicial.

A respeito da função da formação inicial de proporcionar acesso a experiências práticas, Elisa ressalta:

“na graduação a gente fica muito curioso de como que vai ser depois, quando eu tiver lá, né. Então ali a gente tem experiência com algumas realidades que talvez sozinha eu não ia ter depois, né. Então ali a gente tinha um meio que favorecia e que eu pude ter contato com diversas realidades” (Elisa).

Como colocado por Elisa, após a formação inicial, psicólogas/os possivelmente não teriam acesso a determinadas experiências práticas, que podem se configurar como determinantes para sua formação profissional. Daí a importância de que seja possível, durante a graduação, que estudantes tenham oportunidades de experimentar práticas diversas, pois essa é espaço imperativo de formação, diferentemente da formação continuada. Serena realiza um movimento de crítica a sua formação inicial, a partir de seu processo de apropriação de uma

¹³ Em 2004 já havia um acúmulo de produção teórica crítica em Psicologia Escolar e Educacional no Brasil, que vinha se desenvolvendo desde a década de 1980 com a publicação da obra “Psicologia e ideologia: uma introdução crítica à psicologia escolar” (Patto, 1984/2022) e teve continuidade com outras obras fundamentais como “A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia” (Patto, 1990/2022), “Psicologia e educação: desafios teórico-práticos” (Rocha, Souza, & Tanamachi, 2000), para citar algumas.

nova teoria, ampliado por seu engajamento em espaços de formação continuada. Ela pondera que:

“hoje olhando eu penso que parece que o social ele se apresentava como essa coisa muito imediata assim, do ambiente né, no social quase que só mais um elemento da constituição do psiquismo [...] acho que o social pra mim durante a graduação ele foi sendo apresentado como mais um elemento, como mais uma variável” (Serena).

Serena consegue fazer essa crítica hoje porque a PHC, o referencial teórico em que se fundamenta, tem uma outra concepção do social na constituição do ser humano; estando apropriada dessa concepção, ela pode criticar essa perspectiva do social apenas como mais um elemento para a compreensão do sujeito e não como o mais determinante. A partir do estudo e da apropriação da teoria, Serena elabora uma reflexão e crítica à formação em Psicologia e a própria ciência psicológica:

“eu fico as vezes um tanto angustiada ainda quando eu penso na formação do psicólogo assim, acho que é um negócio que tem, na medida em que eu começo a estudar isso, eu começo a pensar ‘gente, tá tudo errado’, acho que por vezes a Psicologia vai fazer um desfavor mesmo assim, e vai atrapalhar, [...] começo a tanto criticar minha prática anterior, quanto a pensar a problemática que existe assim, nos trabalhos que tão sendo feitos” (Serena).

Sobre seu processo de formação continuada, Joane entende que:

“a cada atendimento eu tô me formando, a cada inquietação que a clínica produz, a cada questão que surge a partir da minha prática, diálogos com meu supervisor, as intervisões que eventualmente eu faço, eu considero espaço de formação continuado [...] como eu estudo a interlocução Psicologia e Arte, quando eu tô no teatro, quando eu tô num laboratório cênico, quando eu tô apresentando uma peça, isso também alcança minha clínica de alguma forma” (Joane).

À medida que exerce seu trabalho, novas questões e demandas da realidade concreta levam Joane a compreendê-las (e resolvê-las) por meio de uma busca pela teoria, ou melhor, por alguma teoria que respalde sua prática. Lessa e Facci (2008) argumentam que a procura por aspectos teóricos, a objetivação de pressupostos e finalidades transformadores da realidade, são possibilidades de produção do novo que se dão por meio da constante articulação entre teoria e prática.

A partir de sua prática Elisa começa a perceber limitações da teoria com a qual trabalhava e relata:

“no decorrer do meu trabalho e no decorrer da minha jornada, eu percebia que a abordagem Sistêmica ela ainda era muito quadradinha, sabe? E eu queria ver para além disso”, logo, ela *“continuei os estudos assim, por conta, os estudos por cursos né, o que me indicavam. Aqui não tem cursos e nada, pouquíssimo se fala sobre as teorias pós-modernas”* (Serena).

Possíveis inquietações decorrentes do movimento de sua prática propiciaram que Elisa percebesse limitações na teoria em que se apoiava e, a partir disso, pôs-se a procurar outra perspectiva teórica. A formação continuada tem função fundamental para o processo de Elisa de encontro com uma nova teoria. Com base na percepção sobre as limitações da teoria Sistêmica e do contato inicial com o Construcionismo, Elisa diz:

“fui me formando, no estudo, eu comecei assim, abordagens pós-modernas assim, pós-Sistêmica, [...] comecei a ler, começo a me interessar. Daí surgiu a possibilidade de fazer um curso, que tem a Marilene Grandesso, pela [Instituição], então ela passa pelo Construcionismo Social e também pra algumas teorias específicas, a terapia Narrativa, Dialógica, Conversacional” (Elisa).

Ela já havia *“demonstrado interesse por estudo por conta, [e] ali eu me achei”*, o que indica que algum aspecto do Construcionismo pode ter se configurado como motivo para que Elisa tivesse esse momento de *“me achei”*; no entanto, ela não discorre a respeito desse movimento, diferentemente de Serena, que explicita os motivos, os elementos teóricos que motivaram seu encontro com a teoria. Serena deu marcadores muito precisos desse movimento de encontro com a teoria e fala sobre conceitos teóricos. Elisa não dá marcadores tão precisos, explícitos, não entra em conceitos teóricos da Sistêmica ou do Construcionismo, mas cita

apenas aspectos técnicos da prática em Sistêmica, que a fizeram se sentir limitada. Joane também fala sobre constructos teóricos, conceitos da Esquizoanálise, de Foucault. Isso denota a apreensão deles sobre a teoria que estudam?

Serena e Joane, ela de forma mais contundente, tocam em uma questão essencial, que se delinea para além da formação inicial e continuada: o processo de desenvolvimento humano faz parte, constitui a formação da/o profissional, do encontro com a teoria, pois também diz respeito sobre as possibilidades de apropriação dos significados sociais sobre a teoria, a prática e a relação dialética entre elas às quais o sujeito teve acesso. É o universal determinando o singular, por meio das particularidades da vida de cada um/a (Oliveira, 2005). Nessa direção, Serena reflete:

“acho que tem também uma coisa do acesso assim que eu tive de formação desde a minha infância, adolescência, enfim, que acho que tem ali um interesse meu que já começa muito cedo [...] a gente desde muito cedo ia pra espaços políticos, eu tava junto com os meus pais em congressos, em assembleias, então acho que esse entendimento assim de que existe uma luta né, de que existe uma possibilidade da construção de uma outra realidade” (Serena).

Considerando que a atividade humana é polimotivada (Leontiev, 1974/2021), os significados sociais aos quais Serena teve acesso são alguns dos determinantes das possibilidades de formação de motivos e, então, de sentidos pessoais. Tal característica da polimotivação da atividade e das múltiplas determinações da realidade pode ser claramente desvelada no processo formativo de Serena.

Como uma última gota de reflexão, a partir do que apontam Saviani e Duarte (2010, p. 423), que a “filosofia e a história da educação constituem o núcleo duro da formação do educador”, indago: qual seria o núcleo duro da formação da/o psicólogo/a? Conforme colocaram Carvalho et al. (2021) sobre a crítica operada por Vigotski a respeito da metodologia em Psicologia se configurar como importante recurso para o ensino da epistemologia da Psicologia, talvez tenhamos aqui pistas sobre o que poderia constituir tal núcleo duro da formação em nossa profissão.

Neste eixo apresentei questões pertinentes à formação inicial e continuada, e analisei os processos de formação de cada um dos sujeitos; recordemos: o objeto de estudo desta pesquisa se configura como uma totalidade; dessa forma, o presente eixo também fornece uma introdução sobre questões que serão desenvolvidas nos demais, como os aspectos teóricos e apropriação de significados e formação de sentidos.

2) Concepções teóricas: ser humano, mundo e teorias

O cerne deste eixo, o suprasumo da discussão posta aqui, é a questão do que é uma teoria. As/os entrevistadas/os tiveram diferentes respostas sobre essa definição e, com exceção de uma delas, todas/os apresentaram limitações acerca da apreensão de conceitos e concepções sobre o que é uma teoria. O que isso pode indicar? Como a formação inicial na graduação tem trabalhado questões epistemológico-metodológicas? Como as/os psicólogas/os poderão ter uma atuação coerente teoricamente, bem fundamentada por uma teoria, se não estão apropriados de discussões epistemológicas em Psicologia, sobre a função da teoria na relação com a prática? Os sujeitos desta pesquisa que têm sentido pessoal mais aproximado do significado social do qual parto tiveram a formação desse sentido apesar da falta de apropriação sobre essas questões, formação que foi determinada por outros determinantes, que não foi formada de maneira intencional pela formação inicial. Isso é um problema para a Ciência e Profissão da Psicologia?

Estabelecida a importância dessa discussão, inauguro este eixo com as respostas dos sujeitos da pesquisa a “O que é uma teoria?” e, para isso, retomemos o significado de teoria que fundamenta este trabalho: a teoria é a reprodução ideal, no plano do pensamento, do movimento real de determinado objeto da realidade (Paulo Netto, 2010).

Para Joane, a teoria:

“propõe um olhar sobre um fenômeno, e esse fenômeno pode ser um homem, pode ser sociedade, pode ser a cultura, pode ser, enfim e ela almeja uma validação, a teoria na verdade ela precisa ser validada pra que ela seja bem fundamentada, posso confabular uma teoria cabulosa que não tem validação científica” (Joane).

A respeito da ideia de “*validação científica*” a que Joane faz menção, (Paulo Netto, 2010) explica que o que constata a veracidade de uma teoria, sua correspondência com a realidade concreta, é a prática social. Joane prossegue:

“acho que a teoria ela tá sempre por ser atualizada porque uma teoria futura pode ressuscitar uma teoria antiga, algo que chega hoje pode refutar algo que foi dito no ano passado, são teorias que a gente busca validação, sustentação, até que uma outra teoria ela traga um outro olhar sobre aquilo” (Joane).

É interessante notar que ele usa as palavras validação e sustentação, bastante diferentes, mas que apontam para o seu processo de busca por compreensão dessa discussão tão presente em seu trabalho na clínica. Podemos indagar: o que determina a necessidade de que a teoria seja atualizada? Conforme explicam Martins e Lavoura (2018), os objetos e fenômenos da realidade se constituem em um constante devir, de tal modo que a pesquisa que se dedica a investigação do social deve considerar tal movimento.

“Eu nunca pensei o que que é uma teoria”, esta fala de Joane suscita perguntas como em qual lugar, quais lugares a concepção sobre o que é a teoria é posta em nossa formação, inicial e continuada? É relegada a um lugar em que nunca é pensada? Quais são os perigos disso? Quais consequências isso tem para a formação de profissionais em Psicologia e para a própria ciência psicológica? Joane mesmo diz que *“achei uma boa pergunta porque a gente fala tanto de teoria, mas o conceito de teoria...”*. Em Psicologia existem diversas teorias e, ao longo de nossa formação inicial e continuada, fazemos algum contato com elas, porém, como indica o comentário de Joane, bem como as respostas dos demais sujeitos entrevistados, o conceito de teoria parece ser objeto de desprestígio.

Para Serena a teoria é:

“um conjunto de informações, de processos de aprendizagem e de apropriação do conhecimento [...] eu acho que elas vão dando noções, elas, a teoria é o que vai então permear as noções que a gente vai ter sobre a prática e sobre a realidade [...] é um acúmulo de informações e de definições sobre o que é determinado fenômeno, acho que é isso, mais ou menos.” (Serena).

Ela tem um direcionamento para a compreensão materialista do que é teoria, a concepção de que a teoria é a reprodução no plano das ideias do movimento real do objeto, mas não consegue expressar tal ideia plenamente. Há um resquício de positivismo; a teoria como uma série de descrições de um fenômeno, mas ao mesmo tempo há uma compreensão materialista dialética, pois ela também coloca a prática, a realidade, nessa concepção. Mais adiante na entrevista, desenvolve um pouco mais seu pensamento: “*se a gente parte dessa concepção de que então é a vida que tá determinando a consciência a gente vai também poder entender que a vida também vai determinando as teorias*”, ela entende a concepção materialista dialética, só não está tão apropriada a respeito desta para se expressar com solidez. Tem noção da questão ideológica que constitui as teorias, sobre como as teorias podem estar na defesa de determinados interesses políticos e de que é a vida material que determina a consciência.

Elisa e Roberto têm compreensões muito vagas e frágeis sobre a questão. Elisa concebe a teoria como um “*conjunto de pressupostos filosóficos [...] a gente usa pra nos ajudar a refletir eu acho, sobre quem a gente é, sobre quem o outro é, o que a gente pode fazer*”. Roberto compreende que a teoria “*de forma geral, é um conjunto de estudos e conhecimentos, e observações, e construção de relações a partir disso [...] imagino que isso é uma teoria, que vai construindo modelos ou metamodelos sobre os quais você pode trabalhar, ampliar*”. O conjunto de estudos, observações não é a teoria em si, é a prática do processo de conhecimento da realidade, do qual decorre a teorização. Segundo Vázquez (2011, p. 234) a atividade teórica “*somente existe por e em relação com a atividade prática, já que nela encontra seu fundamento, seus fins e critério de verdade*”. Sobre tal processo, Oliveira (2005) explica que a lógica formal tem a função de auxiliar na identificação, classificação e nomeação dos elementos da realidade, para que a partir da realização desses procedimentos, se possa alcançar diferente momento do processo, em que a lógica dialética é sua condutora.

Roberto menciona que “*na minha prática com a hipnoterapia, a gente trabalhava muito com construção de objetivos, de metas e a Psicologia Cognitiva tem muitas boas ferramentas que fundamentam essa parte*”. O termo “*ferramentas*” remete a uma concepção da teoria como tendo uma função utilitária, de um mero instrumento que auxilia na prática. Elisa coloca a promoção da autonomia como objetivo da sua prática. É uma ideia de uma teoria que contribui com instrumentos para uma prática que não parece procurar contribuir para a transformação da consciência do sujeito sobre uma determinada realidade, mas adaptá-los a ela. Bock (1997) argumenta que as concepções que apartam o ser humano de sua essência social, concepções

essas as quais Roberto subscreve, como veremos adiante, tem por consequência a produção de uma prática profissional puramente técnica, individualizadora e naturalizante das questões dos sujeitos, tal prática não toma um objetivo social ou político direcionado à emancipação, acabando por adaptar o sujeito ao meio social.

Pergunto como Roberto entende que a teoria Sistêmica, que citou como referencial, o auxilia a pensar as questões educacionais e ele responde que:

“uma coisa que me influencia muito assim, dentro dessa concepção, de que eu estudei muito, foi principalmente a Programação Neurolinguística. A Programação Neurolinguística ela trabalha muito essa questão da compreensão, da leitura, do modelo de mundo, de como você vai construindo essa perspectiva a partir dos diversos filtros que você tem, filtros que são de natureza cognitiva, de natureza...de percepção, de perspectiva” (Roberto).

Parece que sua busca pela teoria não tem como finalidade compreender a realidade, um determinado objeto, processo, para a partir de sua prática, transformar essa realidade, mas é apenas uma ajuda, um auxílio para lidar com situações, conflitos que ocorrem no cotidiano da prática. É uma perspectiva de uso pragmático da teoria, um uso que permanece na aparência da realidade, pois não há a busca por compreendê-la na sua essência, é uma concepção de uma teoria que faz descrições de um objeto e oferece recursos, instrumentos para lidar com situações diversas e isso satisfaz a sua busca. Podemos pensar que há uma necessidade, um motivo para a busca pela teoria, que é uma resolução pontual para um determinado problema, e a medida em que essa teoria na percepção da/o profissional sana, resolve esse problema, tal necessidade está satisfeita. Dessa maneira, não há uma busca subsequente por formação, por estudo, por compreensão aprofundada das questões que emergem da realidade. O motivo da busca pela teoria não é a transformação do que produz o problema, mas apenas a transformação da expressão fenomênica.

No que toca à temática das múltiplas teorias em Psicologia, Elisa coloca que não a compreende:

“como algo negativo...eu vejo que o ser humano é tão complexo, então acho que não teria como não ter diversas teorias pra estudo né, acho que elas podem coexistir essas teorias, acho positivo, tem pessoas que trabalham mais de uma forma ou consegue se encontrar mais de outra forma. Então acho positivo as teorias [sic] em si, essas diversas teorias, acho interessante.” (Elisa).

É uma resposta semelhante à que Roberto elabora, e ambas são opostas à de Serena, que identifica um problema nessa questão, pois compreende que as teorias vêm de algo, que estão à serviço de algo, alguém. Para Serena:

“a vida também vai determinando as teorias [...] as compreensões de mundo que vão sendo feitas, então por isso tem uma disputa mesmo, no campo teórico. Então sobre que visão é essa de desenvolvimento humano que se tem e aí a qual interesse que isso serve, porque...é, se a gente parte de concepções que vão compreender a realidade como algo já dado, isso vai produzindo mesmo uma normalização e uma naturalização da realidade como ela é. Então acho que vão ter teorias que vão afirmar isso, de certa maneira, e vão contribuir, porque é isso, tem um interesse, de que essas teorias elas sejam mais difundidas” (Serena).

Colocando Serena e Roberto em diálogo, é justamente esse processo de naturalização dos fenômenos da realidade social que Roberto não compreende, ele considera a pluralidade teórica *“muito interessante, acho que a Psicologia, falando em particular dessa Ciência e das múltiplas teorias dela, ela oferece ao ser humano possibilidades de trabalhar suas questões”* (Roberto), de tal maneira que não parece fazer questionamentos ontológicos e epistemológicos a respeito das diferentes teorias, sobre a *“visão de desenvolvimento humano que se tem”* (Serena) e *“a qual interesse que isso serve”* (Serena), como colocou Serena.

Penso que há uma reflexão sobre ideologia que pode ser feita aqui. Dada a hegemonia do pensamento burguês, pois como colocam Marx e Engels, *“As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante.”* (2007/1932, p. 47), conceber que tais *“possibilidades de trabalhar”* as questões dos seres humanos seja algo abstrato, neutro,

livre de intenções, é um pensamento ingênuo, da consciência do senso comum (Vázquez, 2011) e que não cabe a um/a psicóloga/o. É necessário questionar o que cada uma dessas teorias defende enquanto projeto civilizatório, quais objetivos elas subscrevem, aos interesses de quem estão a serviço. Não é da responsabilidade dos sujeitos que buscam serviços em Psicologia fazer esses questionamentos, essa tarefa cabe às e aos profissionais dessa ciência e profissão.

Prosseguindo na discussão acerca do ecletismo teórico e da prática em Psicologia, Roberto considera que:

“[...] é muito bom que se tenha diversas formas de se atuar, de poder buscar dentro dessa ciência um apoio, uma orientação...porque, dentro da minha experiência, é interessante isso, nem todas as pessoas se enquadram ou aceitam, não sei se acho que essa palavra, não sei se aceitam, mas é uma determinada teoria. Então acho que a diversidade da teoria, ela também é muito interessante, porque nem todo mundo, por exemplo, que eu recomendo de um determinado profissional na Psicologia Cognitiva, ele se adapta bem” (Roberto).

O termo “*adapta*” chama atenção. Essa não é a função de uma teoria, que os sujeitos com quem as/os psicólogas/os trabalhem se adaptem a ela. Vázquez (2011) elucida que a atividade teórica elabora e transforma, no plano do pensamento dos sujeitos, a matéria-prima – seja ela natural ou humana –, a realidade externa, com a finalidade da elaboração de uma teoria que explique um determinado objeto da realidade ou antecipe outra realidade, ainda não existente. Dessa maneira, a atividade teórica se configura como um momento indispensável do processo de transformação da realidade, que é objetivado pela atividade prática dos seres humanos (Vázquez, 2011).

Roberto entende que “*talvez eu possa não concordar com uma ou com outra, mas eu não concordar não significa que ela é ruim, né. Eu vejo como muito bacana essa diversidade*”. No entanto, o ponto aqui não deve ser a/o psicóloga/o discordar da teoria, em nível pessoal, e nem sobre defrontá-las uma com a outra para que se qualifique uma como melhor ou pior; o ponto deve ser questionar se uma determinada teoria explica o funcionamento do objeto a que se propõe investigar ou não e, para isso, é preciso defrontar as teorias com a realidade concreta, pois como coloca Paulo Netto (2010), é a prática social a instância que constata a

correspondência da teoria com a realidade. Roberto concebe que a Psicologia sendo “*uma ciência que carrega dentro de si a própria diversidade, né, de olhar, de compreensão, né, às vezes pode chegar a um tempo aí que a gente vai descobrir que a gente tava falando a mesma coisa com palavras diferentes*”. O “*olhar*” diverso a que Roberto se refere se origina do que Leontiev (2004/1959, p. 293) explana sobre as variabilidades de “*aptidões físicas, mentais e estéticas, as qualidades morais e os traços do comportamento dos homens*”, que não são produto de elementos de natureza biológica, pois tais diferenças se explicam pela desigualdade da condição econômica, de classes e diversidade produzida pelas diferentes relações com as aquisições da humanidade, os objetos da cultura aos quais os sujeitos podem ter acesso. O autor pondera que as classes dominantes têm o domínio tanto dos meios de produção, quanto dos meios de produção e propagação da cultura intelectual, dispendo ambos na direção da defesa de seus interesses, o que resulta em uma estratificação da cultura, de modo que:

Enquanto no domínio das ciências que asseguram o progresso técnico se verifica uma acumulação rápida de conhecimentos positivos, no domínio que toca ao homem e à sociedade, à natureza e essência, às forças que os fazem avançar e ao seu futuro, nos domínios dos ideais morais e estéticos, o desenvolvimento segue duas vias radicalmente diferentes. Uma tende para acumular riquezas intelectuais, as idéias, os conhecimentos e os ideais que encarnam o que há de verdadeiramente humano no homem e iluminam os caminhos do progresso histórico: ela reflete os interesses e as aspirações da maioria. A outra tende para a criação de operações mais cognitivas, morais e estéticas que servem os interesses das classes dominantes e são destinados a justificar e perpetuar a ordem social existente, em desviar as massas da sua luta por justiça, igualdade e liberdade, anestesiando e paralisando a sua vontade. O choque destas duas tendencias provoca aquilo a que se chama a *luta ideológica*. (Leontiev, 2004/1959, pp. 294-295).

Ainda no tocante ao ecletismo teórico, Joane compartilha que começou, recente ao momento de realização da entrevista, a estudar a decolonialidade, e ao ser perguntando se esta é uma teoria, Joane responde que sim. Contudo, sua perspectiva relativa ao que é uma teoria apresenta fragilidade, e dentro daquilo que possui de apropriação, tem uma perspectiva positivista a respeito de tal discussão. Assim sendo, ele parte dessa compreensão para analisar o que é ou não uma teoria. Em relação à decolonialidade, Joane diz que “*você pode pegar um*

texto de Psicologia decolonial, você vai ter Deleuzi, Guatarri, você pode ter Vigotski e você pode ter Sueli Rolnik no mesmo texto". O objetivo aqui não é discorrer quanto a decolonialidade, mas surgem algumas questões, como: o que quer dizer "ter no mesmo texto" esses diferentes referenciais? De que forma isso se dá? Por qual método? Vigotski (2004/1927) fazia sua crítica por meio da incorporação por superação; neste sentido, qual a metodologia da teoria Decolonial? Podemos questionar também como Joane se apropriou/tem se apropriado dos significados sociais sobre teoria, a quais significados ele teve acesso, quais significados lhe foram apresentados na sua formação inicial.

Vigotski (2004/1927) critica e aponta os problemas do ecletismo, de se intentar unir ecleticamente diferentes teorias e elementos de diferentes teorias. O autor faz uma análise de algumas tentativas operadas a sua época, como por exemplo as tentativas de união entre psicanálise e marxismo, distinguindo três procedimentos diversos de tais tentativas e discutindo seus problemas de caráter metodológico.

As tentativas ecléticas de conjugar elementos heterogêneos, de natureza distinta e de diferentes origens científicas, carecem desse caráter sistemático, dessa sensação de estilo, dessa conexão entre nexos que proporciona o submetimento das teses particulares a uma única idéia que ocupa um lugar central no sistema de que faz parte. Tais são, por exemplo, as sínteses do behaviorismo e da psicologia freudiana nas publicações norte-americanas; o freudismo sem Freud dos sistemas de A. Adler e C. Jung; o freudismo reflexológico de Békhterev e A. B. Zalkind e, finalmente, as tentativas de unir a psicologia freudiana e o marxismo (A. R. 1925; B. D. Fridman, 1925). Quantos exemplos só no campo do subconsciente! Todas essas colocações *tomam o rabo de um sistema e o adaptam à cabeça do outro, intercalando no meio o tronco de um terceiro*. Não é que tão monstruosas combinações sejam errôneas, todas elas são verídicas até o último décimo, mas a pergunta a que procuram responder está formulada de modo equivocado. (Vigotski, 2004/1927, pp. 252-253) [grifo meu].

Segundo Vigotski (2004/1927) o que as tentativas ecléticas acabam por fazer é responder a uma pergunta elaborada a partir de um sistema teórico com elementos produzidos a partir de outro referencial teórico, o que denota em si um problema metodológico. Como apontado na citação acima, é um problema que tem gênese desde a formulação da pergunta a

que se deseja responder, pois para ele a pergunta presume elementos da resposta. O autor estava preocupado em ressaltar como se deve unir metodologicamente diferentes teorias, com criticidade, pois segundo ele, no “enfoque não-crítico cada um vê o que quer e não o que é” (Vigotski 2004/1927, p. 265).

Passemos ao segundo tópico que o presente eixo abarca, que se refere às concepções de ser humano de cada um dos sujeitos da pesquisa. A esse respeito, Roberto pensa que:

“as pessoas naturalmente são bem-intencionadas [...] sempre procuro ver as pessoas como bem-intencionadas, com sonhos, com desejos, né. E acredito que os percalços e questões complexas que atingem o humano, elas advêm muitas vezes de, sei lá, interferências externas ou influências [...] creio que quando foge muito disso [estarem bem-intencionadas] são desvios que eu acho que advêm muito de desinformação” (Roberto).

Partindo de tal resposta, pergunto se Roberto compreende que o ser humano tem uma natureza, que ele entende como sendo “*bem-intencionada*”, e sua resposta é sim. Há uma incoerência e uma inconsistência muito grandes nas respostas de Roberto sobre a questão da concepção de ser humano, e é algo que ele não percebe, como pode-se ler no excerto:

“então a Psicologia Sistêmica ela luta um pouco com essa ideia do determinismo, né? Não tem esse determinismo. Então eu acho que essa, é isso que casa muito com a minha visão de ser humano assim, ele pode ser o que ele quiser e essa escolha do que ele quiser depende muito do momento em que ele vive, aonde ele está, com quem ele está, com quem ele convive, com aquilo que ele lê, com aquilo que ele aprende” (Roberto).

Sua concepção de ser humano na primeira resposta é determinista, ele compreende que o ser humano tem uma natureza. Já aqui, ele responde que “*Não tem determinismo*”. Na concepção de Roberto os sujeitos podem fazer diferentes escolhas, não há determinismo; entretanto, se a escolha do que ser depende do “*momento em que ele vive, aonde ele está, com*

quem ele está [...]”, então o sujeito não pode ser o que ele quiser, pois essa escolha estaria sendo condicionada por todos esses elementos.

A incoerência que Roberto não percebe é que sua concepção de ser humano parte de uma ideia de natureza humana em que os seres humanos são bem-intencionados, e o que destoa disso dever-se-ia a influências do meio externo, mas sua concepção de mundo coloca que este impõe experiências aos seres humanos e que por meio delas eles se formam. Então, se é o mundo que, por meio da imposição de determinadas experiências forma o ser humano, como fica a questão da natureza bem-intencionada? Se o ser humano nasce bom e essa é sua natureza, não há espaço para que o mundo o "forme". É uma incoerência determinada pela fragilidade de ambas as concepções, que também se evidencia em como ele não tem segurança sobre sua posição, *“não sei te falar nem se tá certo isso que eu tô falando”*.

Bock (1997) esclarece que a perspectiva de condição humana, em oposição à ideia de natureza humana, é essencial para o desenvolvimento da compreensão sócio-histórica do ser em questão. A noção de condição humana estabelece que os seres humanos não são constituídos a priori, as qualidades humanas não são nascidas com os seres no momento em que os sujeitos vêm ao mundo. O ser humano é um ser social e histórico, e se constitui nas/pelas suas relações produtivas com a natureza, por meio de suas atividades, e nas/pelas relações que constrói com os demais seres humanos. A autora sintetiza:

No conjunto das relações sociais, mediadas pela linguagem, o indivíduo vai desenvolvendo sua consciência. Com o desenvolvimento da consciência, o homem sabe seu mundo, sabe-se no mundo, antecede as coisas do seu mundo, partilha-as com os outros, troca, constrói e reproduz significados. Quando atua sobre o mundo, relacionando-se, apropria-se da cultura e adquire linguagem; apropria-se dos significados e constrói um sentido pessoal para suas vivências. Tem, assim, todas as condições para atuar com os outros, criar cultura e elaborar significados. O homem, se faz homem ao mesmo tempo que constrói seu mundo. (Bock, p. 38, 1997).

Quando coloco a questão sobre quais são suas concepções de ser humano e de mundo, Elisa pergunta *“isso situado onde eu trabalho, situado no meu contexto, da abordagem que eu*

utilizo?”. A partir disto, penso sobre a questão da teoria para além da vida profissional, que transborda para a vida como um todo. É possível se ter uma concepção de ser humano e de mundo fundamentada por uma teoria, e trabalhar com essas concepções enquanto desenvolve sua atividade de trabalho, e em outros espaços de atuação da vida não se ater a essas concepções? Essa separação é possível? Apenas perguntei quais eram as concepções dela, e ela própria parece ter operado essa separação: tenho concepções “*onde eu trabalho*” e em outros espaços da vida tenho outras? Sua concepção de ser humano é de que:

“são pessoas que são organizadas conforme um certo contexto histórico, um contexto social. Que são organizadas a partir do outro, a partir das relações entre si [...] elas são mutáveis [...] elas são construídas, inclusive, não só na construção com o outro, mas nas narrativas que elas criam a respeito delas, os significados que elas dão a respeito delas e dessas relações” (Elisa).

Há uma noção de que o ser humano é passível de transformações, é “*mutável*”, no entanto a expressão “*narrativas que elas criam*” parece expressar um elemento fortemente idealista, a ideia de que é a consciência que determina a realidade, e que o ser humano determina a si mesmo não por meio de sua atividade, em sua relação dialética com o mundo material, com os demais seres humanos, mas pela determinação da sua consciência.

Joane tem uma compreensão complexa de ser humano, da sua diversidade, localizando este dentro daquilo que se chama de “*minorias*”:

“ser humano, a primeira coisa que eu penso é o social, o cultural e o político que nos constituem [...] tem a dimensão biológica, tem a dimensão fisiológica, isso é considerado por mim enquanto quem trabalha com ser humano, penso também com isso, a partir disso, mas penso muito a questão da sociedade em que ele vive, que ele se constitui, os atravessamentos sociais que constituem esse sujeito, esse corpo. Penso muito o ser humano também pensando na ideia de corpo, corpo social, corpo político, e pensando os atravessamentos estruturais daquele meio que a pessoa vive, que é um ambiente, os atravessamentos culturais” (Joane).

Joane não toma como universais características que não são universais (homem, cisgênero, branco, europeu). Aqui a teoria parece fundamentar sua concepção de ser humano e de mundo, pois cita, de forma superficial, a questão da colonização: *“ler teóricos e teóricas que não são só homens cis brancos heterossexuais europeus”*. Compreende que o ser humano não está dado, é um ser que se desenvolve.

Apenas Serena explicitou, por si mesma, em sua resposta, que suas concepções de ser humano e mundo estão baseadas em uma teoria, em um método:

“trabalho com a Psicologia Histórico-Cultural e acho que a partir disso a gente vai conceber um ser humano que ele é constituído a partir do social, que então não existe nada em nós que não seja social e a partir disso vou entender, então, o ser humano numa relação dialética com a realidade, com a qual ele vai sendo constituído por essa realidade, ao mesmo tempo vai constituindo essa realidade também” (Serena).

Joane e Elisa deram suas definições, mas não explicitaram por si o que as fundamenta. Como colocam Silva e Peretta (2022), toda concepção de ser humano e mundo está fundamentada em algo, apenas pode ocorrer que os sujeitos não tenham consciência sobre essa fundamentação. Ou pode suceder também, talvez, que o sujeito não esteja apropriado o suficiente acerca de como a teoria embasa a questão para responder de forma consciente que suas concepções de ser humano e mundo se fundamentam em determinados pressupostos. Joane até desenvolve essa ideia adiante na entrevista, mas em sua primeira resposta ele não responde com tal clareza.

Quais são as concepções de mundo dos sujeitos entrevistados? A discussão decorrente de tal questão, que toca o terceiro tópico constituinte deste eixo, nos encaminha para seu momento final. Para Elisa os conceitos de ser humano e de mundo:

“[...] são inter-relacionados. Conceito de mundo, acredito que depende muito dessas relações entre os seres humanos, depende muito da linguagem que eles se utilizam, as relações que eles se utilizam. São relações que são dadas diante de um contexto específico de tempo, sobre normas, que são acordos que são realizados entre esses seres

humanos. Portanto, acredito que essa concepção de mundo é sempre mutável, assim como a concepção de pessoa.” (Elisa).

Há a ideia de que são os seres humanos que constroem o mundo, daí a inter-relação de que ela fala, mas é desde uma perspectiva idealista. Tais “*acordos*” a que Elisa se refere, me colocam a pensar sobre o conceito de liberdade para Marx, explicado por Paulo Netto (2011), liberdade como sendo a possibilidade de escolha entre alternativas factíveis. Como se dão esses acordos? É mesmo um acordo quando os sujeitos do tal “*acordo*” não têm possibilidade de escolha entre alternativas concretas, considerando suas condições de vida?

Ainda segundo Elisa, a “*construção de mundo que eu percebo, então ele tem diversas realidades, porque ele parte dessas diversas construções, esses diversos significados que as pessoas dão sobre si e sobre a realidade. Então, talvez, não há uma única realidade*”. O mundo aparece, para Elisa, como diferentes realidades, pois em sua concepção o mundo é as diferentes construções, “*significados*” dados pelas pessoas, sobre si e sobre a realidade. Como é possível haver diferentes realidades? Em que se fundamenta o pensamento de que a atribuição de diferentes sentidos sobre a realidade implica na existência de diferentes realidades? Pressupondo que pessoas diferentes dão diferentes sentido sobre a realidade, como realidades diferentes, e até contrárias, podem existir ao mesmo tempo? O que Elisa compreende como “*diversas realidades*” parece ser, na verdade, diferentes aspectos fenomênicos da realidade concreta, as partes do todo, da totalidade, a “*realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato qualquer (classes de fatos, conjuntos de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido*” (Kosik, 1989, p. 35).

A concepção de mundo de Elisa é profundamente idealista, pois parte do pressuposto de que o mundo, a realidade concreta é determinada pela consciência do ser humano, pelas “*construções*”, pelos “*significados*” dados à realidade pelo ser humano. Não há a compreensão de que o reflexo psíquico da realidade, como o mundo aparece expresso na consciência de cada sujeito, não é uma transcrição exata, a realidade como aparece na consciência de cada um não é a realidade concreta, é uma representação dela (Leontiev, 2021/1974). Essa realidade existe independente da fruição individual de cada sujeito, dos sentidos dados por cada um.

Posta a questão sobre sua concepção de mundo, Roberto considera que:

“é difícil pensar um pouco disso [...] acredito que tudo tá interligado [...] acredito que o mundo ele é muito amplo, ele é sistêmico e que tudo que se faz rebate em todos os lugares do mundo,” “mundo que traz pra gente lições, que vai de certa forma nos colocando em diversas experiências e através dessas experiências nós vamos nos formando enquanto pessoas” (Roberto).

Ele apenas descreve o que seria o mundo nessa sua concepção. O que significa que tudo o que está interligado? Como essas ligações se dão? Roberto não discute o conteúdo da questão, mas apresenta um tangenciamento tautológico sobre a temática.

Nessa perspectiva, Joane também descreve o mundo; fica na aparência do fenômeno, mas dá descrições de certa profundidade, nomeia fenômenos como o colonialismo. Ele tem uma concepção idealista de mundo, mas parece haver um gérmen da compreensão da dialética da relação entre ser humano e natureza, o que possibilitaria o desenvolvimento do entendimento de tal relação em sua essência, e da essência ontocriadora do ser humano:

“Penso o mundo também pensando com a ideia de nós que habitamos e pensamos esse mundo, esse mundo é pensado por nós, povoado por nós. Nós criamos nesse mundo e somos criados por ele no mesmo tempo, então tem uma relação direta entre nós, que habitamos esse planeta e o mundo ao qual nós estamos, afetamos, somos afetados e não tá apartada assim, entre aspas é uma coisa só, sabe, não necessariamente, mas é como se fosse, eu não consegui imaginar um Joane separado de um mundo, nem o mundo separado de mim que habito ele nesse momento. Tá pra além de mim, mas ao mesmo tempo as coisas elas estão numa relação direta uma com a outra” (Joane).

A respeito de suas concepções de ser humano e de mundo, Serena faz uma articulação consciente entre suas concepções e a teoria, tem consciência de que suas concepções são constituídas pela teoria a que se dedica a apreender:

“a visão de mundo vai partir, então, de uma concepção materialista mesmo, que significa então que a consciência ela vai ser determinada pela vida, então é isso, acho que a concepção de mundo vai partir de uma concepção materialista e dialética dessa realidade” (Serena).

Como finalização deste eixo, apresento algumas amálgamas que as/os próprios entrevistados/os fizeram a respeito de suas concepções sobre ser e mundo e a teoria com a qual trabalham, e ressalto o caráter fundamental da coesão, coerência entre tais concepções para a formação e atuação em Psicologia.

Joane preza por congruência entre teoria e prática e, ao ser perguntando sobre se percebe que há uma relação entre suas concepções de ser humano e de mundo com a teoria, ele responde:

“Tem, assim imagino que deva ter, se não tiver não há uma coerência né, e é uma coerência que nos interessa e imagino que tenha sim porque o que eu penso e falo sobre o que que eu entendo por ser humano e o que que eu entendo por mundo tem muita relação com a teoria que eu estudo, assim, esses pensamentos não vem do nada. Eu arrisco a dizer que não tem relação só com a Esquizoanálise não viu, tem relação com tudo que eu fui fazendo contato durante a graduação em Psicologia” (Joane).

Sobre suas concepções de ser humano e de mundo e a relação delas com a teoria, Elisa relata que:

“quando eu entrei no trabalho e na faculdade, ou nesse contexto mais profissional, acadêmico, eu fui encaixando algumas coisas que eu pensava e me encontrando com algumas teorias possíveis, sabe. Então, meio que eu fui moldando o que eu acreditava com as teorias e as teorias com o que eu acreditava” (Elisa).

O que ela parece dizer é que o *"fui moldando"* não se deu de forma mecânica, forçosa, como disse, *"foi, realmente, uma construção"*, há a ideia de um processo. A *"construção"* da

concepção partiu de ideias prévias, e o contato com novas concepções transformou o que Elisa entendia sobre o ser humano e o mundo. Elisa prossegue “*acho que a gente molda e é moldado, então é difícil a gente fazer essa correlação né, de onde que partiu o interesse [por determinada teoria]*”. É pertinente notar que Serena consegue perceber e dar marcos sobre os determinantes de seu interesse pelo referencial teórico em que se fundamenta.

Na análise das elaborações das/os entrevistas/os formulo algumas indagações: o que chamamos de encontro com a teoria? Ela se dá por quais motivos? O que deve orientar a escolha por uma teoria? O “*sentir*”, colocado por Joane? O “*se identificar*”, colocado por Roberto? Elisa foi “*encaixando algumas coisas que eu pensava*”. A escolha de Serena se deu porque a teoria lhe ofertou explicações sobre fenômenos da realidade, seus incômodos e percepções. A escolha pela teoria não deveria se dar em razão de a/o profissional buscar compreender um objeto, um fenômeno e a teoria oferecer explicações sobre esse objeto? As/os psicólogas/os compreendem que as explicações dadas pela teoria têm correspondência com a realidade? Ou não questionam quais relações essas explicações guardam com a realidade material? De certo, no eixo seguinte prossigo no desenvolvimento dessa discussão, na busca por possíveis lucubrações a tais questões.

Conforme elucidada Kosik (1989), a produção de conhecimento a respeito da realidade depende de uma concepção sobre esta, seja ela explícita ou implícita, de modo que o questionamento sobre o que é a realidade deve anteceder a questão sobre como conhecê-la. Tal elaboração esclarece a importância primordial de discutirmos a fundo quais são as concepções de ser humano, de mundo e de teoria que têm fundamentado a formação e a prática em Psicologia.

3) Significados sociais e sentidos pessoais sobre a relação entre teoria e prática em Psicologia

“O que é a Psicologia?” é uma questão central para este eixo, pois o intuito aqui é a compreensão sobre o sentido pessoal da relação entre teoria e prática na atuação em Psicologia. Logo, apreender quais são os significados sociais referentes a essa questão aos quais os sujeitos da pesquisa tiveram acesso e como se apropriaram deles é fundamental. Nessa direção, o significado de Psicologia do qual parto compreende que esta é uma ciência que em gênese e

historicamente esteve a serviço dos interesses da sociedade capitalista e, desse modo, carrega em si as contradições dessa sociedade. As contradições entranhadas no interior da Psicologia implicaram em determinantes para o seu desenvolvimento, que se deu no sentido de sua fragmentação epistemológico-metodológica (Vigotski, 2004/1927).

Psicologia, para Elisa, é:

“o estudo das relações, acho que eu diria isso. Que é o que mais faz sentido para mim hoje, sabe? Talvez se fosse num contexto acadêmico a gente ia ter que dizer outra coisa, né? Mais organizadinho, o que que é a Psicologia ou estudar Psicologia é isso, isso, aquilo, o conceito tradicional, mas para mim o que mais faz sentido é o estudo das relações, hoje” (Elisa).

A quais relações ela se refere? É um tangenciamento do tema, pois não qualifica o que é esse objeto. Não menciona que a Psicologia é uma ciência e uma profissão. Pergunto se tais relações são as relações entre o ser humano e o mundo e dos seres humanos entre si, e ela responde que *“sim, acho que sim”*.

Roberto concebe a Psicologia:

“primeiro como uma ciência. Isso para mim é um fato, a Psicologia é uma ciência [...] Por trás de toda a construção da teoria da Psicologia tem muito estudo, muita observação. É lógico que por ser uma ciência do campo das humanidades, é uma ciência que ela não é exata, o ser humano ele não é algo exato.” (Roberto).

A incoerência que ele não parece perceber: em sua resposta anterior ele expressa uma definição exata de ser humano, a de que temos uma natureza boa, bem-intencionada. O que pode ser mais exato do que isso?

“Então isso torna a Psicologia, no meu entender, como uma ciência que estuda o ser humano e as suas nuances, né, dentro do contexto do mundo, dentro do contexto

particular em que elas vivem e também a influência daquilo que tá além desse mundo particular [...] a Psicologia estuda esse ser humano dentro do campo onde ele vive, como que aquele campo que ele vive reflete nele, interfere na sua construção e também como esse campo extra que também de uma certa forma entra dentro desse campo dele, por ter essa conexão com as outras pessoas, com as outras culturas, o quanto isso também pode influenciar o ser humano.” (Roberto).

Roberto traz, aqui, uma definição de ser humano que é contrária a que apresentou em sua resposta sobre a concepção de ser humano. Sua definição de Psicologia é frágil; ele menciona que é uma ciência, mas como explica Vigotski (2004/1927) não há um consenso sobre qual é o objeto de estudo da Psicologia, pois as diferentes teorias têm diferentes objetos. Roberto coloca esse objeto como “*o ser humano e suas nuances*”, mas quais nuances seriam? É uma fala faltosa de conceitos teóricos. Serena menciona conceitos em suas respostas, o que denota uma certa apropriação de uma teoria, mas Roberto não o faz; sua explicação é muito vaga.

Em sua resposta sobre tal questão, Joane pondera que:

*“acho importante pensar nas Psicologias [...] não existe uma, existem várias e assim para além de pensar as várias abordagens teóricas, que são muitas, com as suas concepções de sujeito, de mundo, de sociedade, também é importante pensar o como cada psicólogo e psicóloga executa o que ele entende por Psicologia, que **aí é nessa questão a teoria e prática**, eu posso ler um mesmo texto que você, porém o modo como você vai aplicar aquilo que você leu no texto pode ser de um jeito e o meu de outro” (Joane).*

Há uma incoerência no modo como Joane compreende a relação entre teoria e prática. Ele fala sobre o “*modo como você vai aplicar*”, no entanto, a problemática aqui é a apropriação que se faz do texto, se é adequada, se o que se entendeu do texto é o que o texto realmente diz. Tal resposta parece denotar uma compreensão utilitária de teoria, como se esta tivesse por função oferecer ferramentas para serem “*aplicadas*” na prática. Não é uma compreensão da relação dialética entre elas, mas sim um entendimento de que a teoria aparece como um

arcabouço de ferramentas para o desenvolvimento da prática. A incoerência se expressa quando Joane discorre sobre a decolonialidade, teoria que começara a estudar recentemente:

“eu sempre contemplo a nível [sic] teórico, que é algo que é muito preconizado por essa teoria também, sabe, não pensar que somos todos iguais porque não somos todos iguais e exercer uma prática a partir disso” (Joane).

Ao dizer “*exercer uma prática a partir disso*” ele parece denotar um princípio de apropriação da função da teoria em relação à prática que está na direção do significado do qual parto. Dessa maneira, Joane parece estar no meio do caminho entre uma compreensão utilitarista da teoria e a concepção dela enquanto aquilo que explica o funcionamento da realidade material.

A teoria não é um arcabouço de ferramentas para serem aplicadas à prática; a teoria explica o funcionamento dos fenômenos da realidade e, a partir do conhecimento proporcionado por essa explicação, as/os psicólogas/os podem desenvolver técnicas para a transformação de problemas, conflitos que se apresentam no seu cotidiano profissional. Joane prossegue:

*“quando eu penso em Psicologia eu penso na teoria também, e **muitos alunos não dão tanta importância** no início da formação, mas que com o passar do tempo, especialmente pós formados a gente vai vendo que é uma teoria que dá sustentação a uma prática” (Joane).*

Coloco o trecho em negrito, pois é uma fala impactante. É uma percepção de Joane, mas é uma percepção de um aspecto da realidade, como qualquer percepção é. Estabelecendo a percepção de Joane da teoria como um aspecto que “*muitos alunos não dão tanta importância no início da formação*” como um fenômeno da realidade, o que explicaria a existência deste? Por que estudantes não dão tanta importância para a teoria? Será que as/os professoras/es e supervisoras/es de estágio compreendem e mostram essa importância em suas aulas e supervisões? Um elemento da crise da Psicologia parece estar contido na concepção de Joane, pois ele considera que esta é “*uma ciência que estuda a sociedade, cultura, política de acordo*

com a abordagem teórica ou ela pode se resumir a pensar aspectos cognitivos, fisiológicos”. Como explica Vigotski (2004/1927), o fato de que não há a definição do objeto de estudo da Psicologia, pois as diferentes teorias têm diferentes objetos de estudo, é uma expressão da fragmentação desta e a concepção de Joane representa tal problema, na medida em que ele pondera que a ciência psicológica pode ter por objeto de estudo os “*aspectos*” sociais, culturais, políticos ou “*se resumir*” ao estudo dos determinantes fisiológicos, cognitivos.

Serena compreende que a Psicologia:

“[...] vai ser, então, a ciência que vai estudar como que se dá essa relação dialética do ser humano com o mundo [...] o sujeito em relação com o objeto, em relação com a realidade ele também vai tendo uma participação ativa nisso e daí acho que a Psicologia, o objeto de estudo dela vai ser tentar compreender essa relação do sujeito com o mundo” (Serena).

A entrevistada parte de um significado específico do que é Psicologia. Esse significado de que a Psicologia estuda a relação dialética entre o ser humano e o mundo é o significado social hegemônico sobre a Psicologia? Aqui abro um pequeno parêntese para colocar um questionamento sobre a formação dos significados sociais. Reproduzo, novamente, a elaboração de Marx e Engels (2007/1932, p. 47) de que “As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes”, a partir da concepção de que o pensamento burguês, o pensamento da classe dominante de nossa época, é o hegemônico, logo, podemos pensar que existem significados hegemônicos? Pergunto a Serena no que está amparada essa definição e ela responde “*ela vai tá amparada no método mesmo, do materialismo histórico-dialético, acho que é isso, tentar compreender essa noção dialética mesmo da constituição do ser humano*”.

Pensando nos motivos formadores de sentido (Leontiev, 2021/1974) que fizeram com que elas/es “se encontrassem” em tal teoria, Elisa não fala a respeito, Serena discorre de forma aprofundada e Joane também fala a respeito dessa questão. A relação que a sua formação permitiu-lhe fazer entre a Esquizoanálise (então a teoria), com a Arte e o Teatro, em que ele tem se formado mais atualmente, foram configurando motivos formadores de sentido para que ele “escolhesse” essa teoria. Joane coloca que:

“a gente trabalha com uma Psicologia que não é colonial e isso é um grande desafio, porque colonialidade tá aí e eu sou privilegiado, eu sou um homem cis branco não-heterossexual, então tem um atravessamento de privilégio enorme sobre mim, só que eu quero fazer frente a isso” (Joane).

A teoria lhe oferece uma compreensão da realidade e de si, e a partir da sua apropriação dessa oferta de apreensão da realidade, ele tem por objetivo na sua prática *“fazer frente a isso”*. A compreensão sobre a realidade que sua apropriação da teoria lhe permite alcançar, se configura como uma orientadora para a finalidade de sua prática, pois como ele afirma, *“eu quero exercer um combate, sabe, profundamente cultural e enfim, acho que é uma tarefa de todo uma vida”*. Dessa maneira, como indiquei anteriormente, Joane parece ter uma apropriação, muito incipiente, sobre a função explicativa da realidade por parte da teoria.

A teoria, no caso, as teorias, a Esquizoanálise e a Decolonial, elucida algumas questões para Joane, que a partir disso busca ter uma prática que seja coerente com essas elaborações teóricas, uma vez que:

“A teoria ela sustenta uma prática e eu almejo, a partir de muito estudo porque passa por aí, ser o menos racista, menos misógino, menos LGBTfóbico possível [...] muitas dessas teorias não trazem para o pensamento os atravessamentos sociais, políticos e culturais. E a Esquizoanálise, ela traz esse olhar. E é uma teoria também muito voltada para o afeto, isso para mim faz sentido, porque o afeto também penso que é uma inteligência. E a questão do corpo, sabe, eu gosto muito” (Joane).

Joane se identifica como artista e, uma possível análise, é que sua prática artística e sua relação com a Arte são determinantes para aquilo que em teoria e prática em Psicologia fazem sentido para ele, *“é uma teoria [Esquizoanálise] [...] que ela pode trazer as suas influências artísticas, enquanto artista isso pra mim faz muito sentido, [...] eu entendo que ela é experimental sabe, da experimentação da teoria, dos conceitos, a prática Clínica”*. O entendimento de Joane a respeito da Esquizoanálise se configura como motivo para que ele se encontre nesta teoria, pois tal compreensão permite que ele articule suas práticas enquanto psicólogo e artista.

Joane qualifica a teoria como um aspecto que não está restrito apenas ao âmbito profissional, mas que orienta sua perspectiva de vida:

“boto fé que tem muito da Esquizoanálise no que eu faço hoje em dia e não só a nível de prática clínica, mas a nível de vida mesmo sabe, de não ser só algo restrito a esse espaço, que é algo que contamina a vida como um todo” (Joane).

Podemos pensar sobre a profissão e a formação da personalidade, a teoria e a formação da personalidade e, nessa perspectiva, para Leontiev (2021/1974) as atividades teóricas constituem a personalidade e podem, ao longo do desenvolvimento, se enriquecerem ou definharem. Joane afirma *“Eu me sinto nutrido, sabe, tem atendimentos que reverberam profundamente em mim”*, o que denota uma relação de afetividade com sua prática. A prática é orientada para um fim, um objetivo, e há um retorno afetivo para ele quando esse objetivo é satisfeito:

“quando cê faz aquela intervenção que cê fala nossa, tipo assim, parece que você terapeuta viu aquilo há um ano, cê tá vendo, mas a pessoa não tá vendo, aí cê tá perguntando, tá trazendo reflexão, tá naquele tópico com a pessoa e passado um ano ela, ela entende. Cê fala tipo nossa cara, é isso, a gente chegou lá. Tipo assim, que massa, sabe? É nesse sentido de a intervenção reverberar tanto na pessoa, em mim, que eu entendo que aconteceu, aconteceu a sessão, aconteceu o atendimento, aconteceu algo que a clínica criou condições pra que aquilo acontecesse” (Joane).

Joane expressa um movimento de reflexão sobre sua prática, entende que ela cria condições para o processo de desenvolvimento dos sujeitos com quem ele trabalha. Tanto a sua percepção de que sua atuação alcança o fim a que ela se propõe, como a relação afetiva com este movimento são formadores dos motivos para sua prática e, por conseguinte, se relacionam com a formação de seu sentido pessoal a esse respeito.

Um marco da formação do sentido pessoal de Serena sobre a relação entre teoria e prática deu-se *“a partir do filme [Midsommar] eu começo um processo de distanciamento da*

Esquizoanálise, de começar a entender o quanto que eu não via sentido na prática, eu não via sentido na perspectiva de mundo”. O processo de transformação do sentido se dá, num primeiro momento pelo que ela chama de “*negação disso [Esquizoanálise e suas concepções de ser humano e mundo anteriores]*”, porém essa negação “*não estava sendo necessariamente a afirmação de uma outra teoria*”. É um processo de aprendizado e ela mostra consciência sobre esse seu processo.

Outro determinante desse processo de formação do sentido para Serena foi quando ela cita que “*começo um interesse mais pelo Marxismo do que pela Psicologia Histórico-Cultural, então começo a me interessar por leituras, por produção de conteúdo assim na internet né, vídeos, aulas, cursos*”. Nascia um interesse por duas novas teorias e então ela passou a se dedicar à atividade de estudo – parece que o motivo era apreensão de conhecimento sobre essas teorias, pois elas estavam assumindo a função de explicação da realidade para ela. Dessa forma, o motivo da atividade coincide com o objetivo desta, a apreensão dos conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade – motivo formador de sentido (Leontiev, 2021); há o início de uma produção de sentido pessoal sobre a relação entre teoria e prática que está em maior aproximação com a concepção que fundamenta esta dissertação, como pode-se perceber no excerto: “*Primeiro eu acho que eu começo a me incomodar com a Esquizoanálise e aí foi muito importante, por exemplo, algumas aulas que eu assisti da Angélica Lovatto, que ela faz uma crítica a pós-modernidade*” (Serena). É importante sublinhar o papel fundamental da formação continuada para seu processo de transformação de sentido pessoal sobre a relação entre teoria e prática.

Serena continua desenvolvendo considerações sobre a relação entre teoria e prática e a busca por sentidos: “*Eu acho que eu tinha concepções de mundo, mas que eu ainda não tava conseguindo nomear isso dentro de uma teoria. E aí eu, é isso assim, eu me sentia um pouco perdida na minha prática*”. A falta de consistência teórica fazia com que Serena se sentisse “*perdida*” em sua prática, mas seria o mais determinante para isso? Roberto apresenta inconsistências teóricas e não relata insegurança em relação a sua prática. Serena prossegue:

“*Eu acho que o que me dava uma certa segurança era justamente o Acompanhamento Terapêutico e a formação que eu fiz nisso, entendendo que ele é pra além de uma abordagem, mas que é de fato um jeito de se fazer Clínica. Aí eu me amparava acho que no papel de acompanhante terapêutica mais do que de psicóloga*” (Serena).

Uma maior apropriação do AT, do que de teorias da Psicologia, dava maior segurança a ela para a atuação? Ela tinha uma necessidade de nomear, de saber se localizar dentro de uma teoria, e essa consciência parece ter sido muito determinante do incômodo, insegurança que sentia. Agora fundamentada por uma teoria sobre a qual se entende em processos iniciais de apropriação, Serena consegue criticar sua própria prática e perceber como a nova teoria a transformou:

“recentemente eu tive a oportunidade de voltar atender um paciente que foi meu primeiro paciente, depois que eu formei [...] daí eu faço um movimento muito crítico ao trabalho que eu fiz [...] essa experiência ela tá sendo muito massa, porque é quase que revisitar as demandas e as temáticas que foram trabalhadas, mas agora com uma outra perspectiva sobre que sofrimento é esse e trazendo outros, outros dados e outras provocações assim pra conversa que anteriormente não era possível por conta de uma limitação teórica de onde eu estava partindo” (Serena).

A teoria ampliou e produziu novas reflexões sobre sua prática, novas possibilidades de intervenção que não estavam dadas anteriormente. O termo “*limitação teórica*” é interessante, já que remete à questão de como algumas teorias ficam apenas nos aspectos mais imediatos dos fenômenos, por serem baseadas na lógica formal, que não alcança a essência dos objetos de estudo (Oliveira, 2005). A apropriação de Serena sobre a teoria e a relação desta com sua prática, seu sentido pessoal referente a essa relação é ilustrada na seguinte fala:

“eu acho que a teoria na qual eu trabalho vai pensar também a personalidade como algo que tá em movimento o tempo todo assim, que não tá dado e aí por isso eu, inclusive, sinto mais respiro no trabalho, ao pensar que essa personalidade também tá em construção, tá em movimento assim, porque acho que é muito duro a gente trabalhar com coisas que já estão dadas, com perspectivas que vão entender que tudo é como é e é isso assim, não tem o que possa ser feito” (Serena).

A explicação proporcionada pela teoria sobre um fenômeno, no caso, a personalidade, e a apropriação que Serena tem desta, se constitui como determinante de sua relação com sua prática, de como ela se sente em relação a sua atividade de trabalho.

Elisa também experienciou um processo de transição entre uma teoria e outra; quando perguntada sobre se percebe que a nova teoria produziu alguma transformação em sua prática, ela responde:

“Mudou. Eu acho que com o Construcionismo é muito mais reflexivo, muito mais libertador, no sentido de possibilidades, sabe, abrir possibilidades, abrir pra reflexão, pra filosofar mesmo [ri]. E já na Sistêmica era, tava virando algo, no início não, mas depois pra mim quanto mais estudava virava algo assim, nomenclaturas, nomeados, técnicas tem que ser assim ou assado, acho que ficou muito enrijecido” (Elisa).

Nos primórdios de sua busca pela teoria, Elisa se identificava com a Sistêmica; hoje trabalha com o Construcionismo. Em um primeiro momento, entendia a Sistêmica como “*não enquadrada [...] soava muito mais parecido com o mundo real*”, no entanto, relata um processo em que parece ter havido uma contraposição da prática em relação a essa teoria, a partir de sua prática ela percebia limitações dessa perspectiva teórica e a partir de tal movimento ela passou a entender a Sistêmica como “*quadrada*”. Desse movimento, ela parte para a busca de uma outra teoria. Os motivos para Elisa seguir na busca pela teoria, por questionar a Sistêmica, que ela qualificou como “*muito quadradinha*”, vieram da atividade de trabalho, logo, talvez, o motivo seja a procura por uma teoria que explicasse mais a realidade com a qual ela se deparava, o que se aproxima de uma das funções da teoria, explicar a realidade. A entrevistada relata:

“Aí foi estudando algumas abordagens Sistêmicas que eu vi assim, ‘nossa, eu não me vejo fazendo isso assim’, levantar a pessoa do lugar, colocar outra pessoa na cadeira, sabe, aquela coisa? Fui fazendo alguns cursos assim Sistêmicos e eu vi que ‘ah, porque na primeira ligação’, digamos pra Clínica né, ‘na primeira ligação você tem que perguntar isso, isso, isso, aquilo’, então assim, essa questão de técnica, de ser assim ou de ser assado, [...] comecei eu acho que me sentir, a partir dos cursos que eu fazia externos né, na graduação, eu comecei a me sentir limitada. Talvez como eu me sentia

nas outras abordagens. Comecei a sentir o ser humano limitado, assim como eu sentia nas outras abordagens da graduação” (Elisa).

Aqui podemos notar a importância da formação continuada, e da atividade de estudo para a apropriação da teoria e desenvolvimento da prática, pois foi a partir do estudo da teoria Sistêmica que Elisa começa a questionar sua identificação com tal teoria. O estudo da teoria parece remeter-lhe a questões da prática, e a fomentar reflexões na direção de compreensão da realidade com a qual se depara no cotidiano de sua atuação, pois Elisa considera que:

“quando eu estudo em algo parece que automaticamente me vem alguns exemplos da minha realidade assim, né, de como que eu vi isso na minha prática, de como que eu posso articular isso no meu atendimento, de que forma que eu posso trabalhar melhor com aquela pessoa, com aquela comunidade, com aquela população” (Elisa).

Elisa trabalha com o Construcionismo no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) e na Clínica, e pergunto qual papel ela entende que essa teoria tem em sua prática Clínica?

“Ela tem a ver com a minha prática e... formas diferentes, [...] na Clínica, por exemplo, eu sou mais livre né, [...] na relação com o outro é eles espontaneamente buscando uma ajuda, buscando né, assim, com as suas expectativas né, mas ele tá ali buscando e a gente se sente muito mais livre pra usar o Construcionismo no sentido da linguagem, no sentido de como essas relações estabelecem né, até na relação terapêutica [...] me sinto mais livre” (Elisa).

Já em sua atuação no CREAS, Elisa pondera que:

“nós trabalhamos [...] com a pessoa que promoveu algum tipo de ato violento, de agressão e também trabalhamos com a vítima de alguma agressão né, vítima de violência. Então é difícil, ali, se sentir tão livre né, porque as pessoas ali não vão por

opção, elas são encaminhadas ali e sempre parece que tem essa correlação com a Justiça. Então a gente se sente mais limitado em trabalhar com as pessoas” (Elisa).

Contrastando ambas as respostas, o que parece ser mais determinante para Elisa se sentir “mais livre” em sua atuação são os diferentes contextos de trabalho entre a clínica e o CREAS, e não a teoria. Elisa fala sobre a “espontaneidade” que para ela “guia” sua prática:

“na minha prática...ela [a teoria] não me guia, mas eu sem dúvida sou entrosada com os pressupostos filosóficos que ela traz. Então eu não entro pensando em ser uma construcionista social, eu entro, não fico apoiada assim, vou ser assim, vou ser assado. Então eu entro com a espontaneidade de mim, da espontaneidade de quem eu sou né, e a espontaneidade de ouvir o outro, o que ele tem a dizer” (Elisa).

Indago o que seria essa “espontaneidade”, e Elisa prossegue:

“acho que não é aquela, entrar em uma conversa com o outro já pensando em ser, em um arcabou..., tipo, um monte de técnicas, entendeu? Eu tenho que falar desse jeito, tenho que ter essa postura, tenho que me mostrar assim ou tenho que pensar na pessoa como assado, tenho que, sabe?” (Elisa).

Para a entrevistada, a apropriação de um conjunto de técnicas, de um volume de conteúdo pertinente à prática, não possui simetria com uma prática enrijecida. Pelo contrário, quanto maior apropriação de conteúdo a/o profissional tiver, mais ampliadas se tornam suas possibilidades de atuação, de intervenção sobre a realidade, pois, como explica Vigotski (2018) a respeito da imaginação e criatividade, quanto maior é o volume acumulado de conhecimento, de experiências, os quais o sujeito pode tomar como ingredientes para sua capacidade imaginativa e atividade criativa, mais amplas são as possibilidades de criação.

Elisa comenta que “No início [...] quando a gente se forma, a gente fica muito preocupado, né, tem que ser assim, tem que ser assado, ou técnica ou o que né, porque a gente sai muito cheia de teoria” e observo aqui uma cisão entre teoria e prática, ela parece localizar a “espontaneidade” no terreno da prática, da relação com quem trabalha, enquanto a teoria é

algo como um instrumento e um pressuposto filosófico totalmente abstrato, que pode trazer enrijecimento para a atuação. Essa compreensão está no cerne de seu sentido pessoal a respeito do papel da teoria em relação à prática. Sobre a confusão entre forma e conteúdo, que aparece muito em Roberto e Elisa, Serena coloca de uma forma didática: a nova teoria com a qual trabalha mudou radicalmente o conteúdo da sua prática, mas não tanto a forma:

“Acho que a estética de atendimento até não tanto, porque eu acho que eu sempre trabalhei muito com as perguntas e eu sempre trabalhei muito numa postura mais ativa, acho que por conta do próprio Acompanhamento Terapêutico, então isso não alterou tanto. Acho que continua, mas aí é isso assim, ouvir a história dessa pessoa e daí você conseguir compreender quais as determinações sociais, culturais naquele sofrimento, naquela demanda que ela foi trazendo [...] isso mudou radicalmente mesmo.” (Serena).

Para Serena a atuação na Clínica *“hoje tá fazendo sentido, tá se adequando assim ao que eu preciso, mas não é o que eu imagino, não sei assim, acho que eu tenho vontade de fazer coisas mais coletivas”*. Podemos considerar que a prática clínica se configura mais como um motivo-necessidade, pelo determinante econômico. O que confere um sentido pessoal a sua prática que está aproximado do significado social tomado por mim, é trabalhar na Clínica com a PHC. É a teoria que confere esse sentido pessoal, pois ela transformou sua prática, produziu novos motivos. A teoria, para Serena, no caso a PHC, parece ser motivo da formação de sentido de atividade de trabalho hoje:

“Também entendo que se há um debate, há uma disputa dentro da Psicologia, a Psicologia Histórico-Cultural ela se apresenta como uma saída, [...] acho que a gente tá fazendo uma disputa e sendo necessário uma disputa, aí eu vejo muito sentido assim de trabalhar com isso” (Serena).

“Vejo muito sentido trabalhar com essa teoria na Clínica, [...] essa experiência as vezes de atender pacientes que foram atendidos por outros psicólogos, com outras abordagens, você vê coisas muito complicadas assim, num processo as vezes de muita individualização, de muita culpabilização. E aí se tem esses profissionais aí no

mercado, acho que a gente tem que se colocar também pra fazer essa disputa assim. E aí acho que isso é um negócio que faz sentido assim, que eu curto fazer” (Serena).

A teoria com a qual Serena trabalha hoje dissolveu angústias produzidas em sua prática, propiciou uma outra compreensão sobre seu trabalho, pois possibilita que ela tenha uma apreensão mais aprofundada referente aos fenômenos sobre os quais ela intervém:

“por vezes, eu tinha muita angústia assim de pensar ‘nossa, isso aqui não muda né, isso aqui não se movimenta’ e aí eu acho que quando eu começo a entender que é isso assim, que [...] a vida objetiva ela vai determinar totalmente assim esses processos de mudança também, isso me tranquilizou, entendendo as limitações do trabalho” (Serena).

A compreensão que Serena tem a respeito do que é a Clínica e sua prática é constituída pela teoria:

“meio que você ir trabalhando as condições subjetivas dos indivíduos pra que quando as condições forem mais objetivas, a ação ela consiga ser exercida no mundo assim. Hoje eu entendo muito o espaço da terapia nesse sentido. É um espaço de reflexão que a gente vai pensar, mas é um pensamento que se propõe a ação e aí entendendo que a ação também ela vai ter limitações” (Serena).

Considerando que, como explica Leontiev (1974/2022), a atividade é polimotivada, as mediações elaboradas no grupo de estudo também se constituem como formadoras do sentido da atividade de trabalho de Serena:

“a gente até tava fazendo essa discussão outro dia no grupo assim, tipo que as vezes nós psicólogos somos muito cobrados assim, de ser uma profissão, de ser um trabalho que ele tenha em si algo de revolucionário [...] a gente tava pensando o quanto que é

um trabalho e é um trabalho que as vezes o sentido dele mesmo vai ser a sobrevivência e que ele tem limitações” (Serena).

A respeito de tal questão e por sua importância fundamental, não poderia deixar de fazer um breve adendo, assinalando mesmo que superficialmente, o caráter alienado do trabalho sob o modo de produção capitalista. Como explana Antunes (2010, p.10):

[...] se podemos considerar o trabalho como um momento fundante da sociabilidade humana como *ponto de partida do processo de seu processo de humanização*, também é verdade que na sociedade capitalista, o trabalho torna-se assalariado, assumindo a forma de trabalho alienado, fetichizado e abstrato. [...] O trabalho se converte em mero *meio de subsistência*, tornando-se uma *mercadoria especial*, a força de trabalho, cuja finalidade precípua é valorizar o capital. [grifo do autor].

Quando perguntada sobre os impactos de sua prática na vida das pessoas com quem trabalha, Serena, bem como Joane, realiza um movimento de reflexão e crítica da própria prática, há uma percepção sobre o que suas intervenções produzem em seus pacientes; a resposta dela não foi na direção do retorno que seus pacientes lhe fazem, mas elaborações pessoais. Muito diferente da resposta de Roberto, que se limitou a devolutivas feitas pelas/os alunas/os com quem trabalhou ou por seus responsáveis, dizendo que *“ao longo desses anos eu recebi alguns feedbacks [...] até mesmo de pais que me elogiaram e me disseram, né, que o tanto que foi importante uma palavra ou um acolhimento que eu fiz com o filho”*. Para Serena:

“é bonito de ver isso assim, de que tem algumas coisas que você começa ali a trabalhar com a pessoa e apresentar e a oferecer, enquanto uma outra noção de realidade e que aquilo vai trazendo certo alívio assim né, na compreensão do próprio sofrimento [...] acho que dá pra ver assim, essa mudança de concepção em alguns atendimentos, em alguns casos assim né, de perceber as vezes o paciente chegar muito reflexivo” (Serena).

Referente a essa questão, Elisa consegue fazer uma reflexão sobre sua prática na atuação no CREAS, que se expressa no entendimento de que suas intervenções serem mais “*dialógicas*” é mais “*efetivo*” do que intervenções “*punitivas*”, tendo por objetivo “*estimular uma reflexão, estimular novos caminhos pra seguir*”. Há uma reflexão sobre qual prática é mais adequada para a promoção de tal finalidade:

“Você abrir para o diálogo acho que é importante, acho que é extremamente necessário pra além de uma questão de punição, punição não é efetivo assim né, o que a gente percebe assim, as legislações não são efetivas ao todo. Então se a gente puder abrir e [...] estimular uma reflexão daquilo que que tá fazendo, que outras possibilidades, eu acredito que é positivo. Assim, é o que [...] eu pelo menos tento fazer, nas áreas que eu atuo, pelo menos ao diálogo, a reflexão, ao estímulo de ter uma autonomia na própria vida” (Elisa).

Para Roberto:

“ao longo desses anos eu recebi alguns feedbacks assim, que me deixaram muito feliz, de pessoas que se inspiraram em muitas coisas que eu falei, seja dentro da sala de aula, seja no contexto de atendimento individual. Até mesmo de pais, que me elogiaram e me disseram, né, que o tanto que foi importante uma palavra ou um acolhimento que eu fiz com o filho” (Roberto).

A intenção de tal pergunta era tentar apreender avaliações, críticas que cada entrevistada/o faz sobre sua prática. O critério de avaliação de Roberto parece se apoiar na devolutiva de terceiros, não se apoia no que observa sobre o alcance de objetivos da sua prática, alicerçados na teoria, como ilustrou Serena. É uma resposta que parece expressar pouca reflexão e crítica sobre sua própria atuação.

No tocante a questão da flexibilidade de horário de trabalho que a Clínica proporciona, colocada por Serena, faço uma reflexão. Essa flexibilidade é um determinante da “*escolha*” dela por tal área de atuação, mas devemos questionar se suas condições materiais de vida também

não determinam a possibilidade de dar boas-vindas a essa flexibilidade. Ela poderia ter a necessidade de, por exemplo, ter um segundo emprego para complementar a renda; a flexibilidade de horários decorre de não haver pacientes para preencherem esses horários, o que quer dizer horas não trabalhadas e, então, horas não remuneradas. Se ela precisasse de que a maioria das horas de seu dia fossem remuneradas, ela iria ver nessa flexibilidade um aspecto positivo?

Na sua atividade prática Serena sentia um incômodo, e até certo temor, “*era a pergunta temida, alguém perguntar com qual abordagem eu trabalhava*”, pois não tinha bem delineada uma abordagem teórica que fundamentasse sua prática, de modo intencional, consciente. Ela própria cita se apoiar no Acompanhamento Terapêutico para se sentir menos insegura no desenvolvimento da prática. Aqui entra a busca pela teoria que advém de inquietações produzidas pela prática, o temor da pergunta sobre com qual abordagem ela trabalhava pode ter fomentado, intensificado a busca pela teoria. A atividade de estudo parece ter sido motivada pela busca por uma teoria que orientasse sua prática, para a superação de tal lacuna, de tal incômodo. Ela participa de grupo de estudo e o cita em diferentes momentos da entrevista. Dessa análise podemos depreender que Serena parece formar um sentido pessoal sobre a relação entre teoria e prática que se aproxima da concepção com a qual trabalho aqui.

O motivo para Serena fazer supervisão se relaciona ao sentido da sua atividade prática:

“desde 2020 mais ou menos, eu tô com a [supervisora], a gente faz supervisões quinzenais, hoje nem tanto por uma insegurança em relação à teoria, porque acho que isso foi durante um tempo o maior motivo, porque eu ficava ainda muito insegura, comecei a ficar muito insegura nos atendimentos quando eu comecei a estudar outra coisa assim, mas hoje a sustentação desse espaço é mais porque eu vejo mais sentido não fazer uma prática solitária” (Serena).

Por ser um espaço de reflexão sobre sua atuação, a supervisão é também um espaço de desenvolvimento da prática, e confere sentido a seu trabalho; ela permanece em supervisão por não querer ter uma prática solitária, a supervisão satisfaz essa necessidade. Essa relação confere sentido tanto para a supervisão como para sua prática clínica.

Roberto atua na área Escolar há dezesseis anos e diz “*tudo que eu sei a respeito de escolas, a maioria do que eu sei, da vivência escolar, vem muito da minha vivência*”. O que sabe sobre sua área de atuação vem da imediaticidade de sua experiência cotidiana. Não parece haver apropriação dos estudos, participação em eventos científicos ou pesquisas desenvolvidas no campo da Psicologia Escolar, do conhecimento teórico que proporciona um entendimento para além da imediaticidade da experiência empírica. Portanto, parece ser uma prática que permanece na aparência da realidade.

Os destaques que Roberto fez sobre sua formação inicial são a respeito da área Clínica, parece ter sido uma formação majoritariamente em Clínica, mas ele acabou por estar na escola, fato que me faz considerar que o motivo para a atuação na área escolar foi fortemente determinado pela questão econômica. Ele não expressou uma busca ativa por formação continuada em sua área de atuação, contentando-se com uma formação dispersa por outros campos, por vezes antagônicos à Psicologia Escolar.

Se o motivo da atividade de trabalho é ter renda suficiente para suprir as necessidades “do estômago e da imaginação”¹⁴, por que buscar por formação continuada? Por que se empenhar na busca por coerência teórico-prática? Uma busca por apropriação da teoria? Tal motivo parece impedir ou limitar essa busca e conseqüentemente forma um sentido pessoal alienado sobre a relação entre teoria e prática, porquanto a teoria assume função distante daquela posta pelo significado social do qual tomo como referência, uma função de um mero fornecedor de ferramentas para uma prática alienada.

Do processo de análise das entrevistas depreendi que um dos determinantes para a escolha da área de atuação é, como coloca Nascimento (2023), a prioridade ontológica econômica. Desse modo, articulei tal particularidade neste eixo de análise, porém ela se relaciona aos demais eixos, pois pode ocorrer que o sentido da prática seja apenas um retorno financeiro, e isso tem conseqüências para a formação continuada, para o estudo e apropriação de uma teoria, para a preocupação de se ter uma coerência entre teoria e prática e para o trabalho propriamente dito.

A respeito dessa questão, Serena coloca que “*não tem nada de muito bonito mesmo, é só porque era onde tinha espaço pra trabalhar, acho que é um espaço que aparece muitas*

¹⁴ Referência a Marx, em O Capital Livro I (2017/1867, p.113) “A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa que, por meio de suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de um tipo qualquer. A natureza dessas necessidades – se, por exemplo, elas provêm do estômago ou da imaginação – não altera em nada a questão.”

demandas.”. Como Joane, há, num primeiro momento, a primazia do determinante econômico, no entanto os seus motivos mudam, pois Serena reflete que *“fui gostando de ser autônoma”, “foi ganhando mais sentido a prática Clínica, por conta da organização cotidiana que esse trabalho permite”, “foi realmente uma necessidade, mas que aí ela foi ganhando sentido, é uma atividade que foi ganhando sentido”*.

Em resposta ao que o levou à atuação na Clínica, Joane responde *“vou ser bem direto, ao ponto assim, dinheiro, [...] era uma vontade minha trabalhar com saúde pública, mas não tinha concurso nem processo seletivo rolando”*. Entretanto, os motivos para permanecer na Clínica mudaram, de modo que ele coloca *“gosto bastante atualmente, é algo que me nutre”*, ele mesmo explicita tal transformação *“então começa por aí, por saber que [...] o retorno financeiro mais garantido seria pela Clínica e depois pelo gosto de estar aqui mesmo, sabe?”*.

Esse é um movimento que não parece acontecer com Roberto. Sobre o determinante econômico na escolha da área de atuação, Roberto diz que *“eu tava naquele início ainda, naquela incerteza, a questão financeira também ficava na minha cabeça, porque até você firmar, você começar a se consolidar com os pacientes [é um processo que pode se delongar]”*. Roberto conciliou o trabalho na escola e na clínica por algum tempo:

“tentei conviver ainda com a clínica e escola, só que chegou no momento que eu tive que fazer uma escolha realmente, porque não dava pra manter os dois [...] vamos dizer assim, que num primeiro momento, eu escolhi [a escola] ... um pouco um elemento importante foi aquela segurança de você ter um ganho” (Roberto).

O determinante econômico condicionou sua escolha. Esse determinante se configura como um motivo da atividade de trabalho, que parece ter sido e ainda ser o motivo, e que forma um sentido específico. A atividade de estudo de Roberto não é algo a que ele se dedique de forma contundente, não há menção sobre formações, grupo de estudo, supervisão, de modo que não podemos depreender que a teoria na sua relação com a prática se constitua como formadora de motivo para o desenvolvimento da atuação, como podemos analisar em Serena. O determinante econômico ainda parece ser o motivo para sua atividade de trabalho.

Como se deu a escolha de Elisa por trabalhar no serviço público?

“A área de concurso público não foi bem uma escolha inicialmente, foi uma questão de salário [...] a gente percebia o quanto que a nossa profissão assim, extremamente

desconsiderada em termos de remuneração, né. Então você ficar numa capital, que é a capital do Paraná, Curitiba, com um custo de vida super alto, recebendo no máximo uns R\$ 2500 no trabalho, por exemplo, enquanto psicóloga. Então para mim o concurso público foi um caminho possível para receber aquilo que eu precisava para permanecer aqui um pouco mais” (Elisa).

Isso contrasta com a reflexão que fiz sobre Serena, quando ela diz sobre a Clínica oferecer uma flexibilidade que para ela é atrativa; essa atratividade tem a ver com as suas condições materiais de vida. Elisa precisou lidar com outras condições materiais, que a levaram para outro caminho, o de ter que buscar uma alternativa de trabalho e ganho de renda.

Elisa tem consciência sobre a “escolha não-escolha” pela atuação no serviço público, como relata: *“acho que não foi algo escolhido, estar no SUAS. Quando eu cheguei eu fui alocada para estar no SUAS, então também não foi uma escolha minha”*. No entanto, ela entende que pode fazer uma escolha *“minha escolha foi permanecer no SUAS. Então a minha escolha foi sair da alta complexidade para ir para a média complexidade. Então ali foi uma escolha. Então permanecer no SUAS foi muito importante para mim.”* Ela não discorre sobre os motivos dessa escolha, mas tais motivos podem ter relação com sua atividade de trabalho no serviço público.

Sobre a atuação na Clínica, o motivo dessa atividade de trabalho, Elisa coloca que *“tive o contato com a Clínica no final da minha graduação, eu achava interessante, mas financeiramente não era algo que era viável pra mim”*. Outro determinante para não seguir, num primeiro momento, por essa área foi que:

“tão pouco eu me achava capaz, de ir para Clínica, não sentia nem um pouco competente nessa área. Então eu fiquei ali por três anos estudando, revendo, namorando essa possibilidade, trabalhando comigo mesma, trabalhando pessoalmente o dar conta, o não dar conta de algumas coisas, até que decidi me lançar nesta área [...] foi realizador para mim, eu estar na área Social e estar na área Clínica, porque eu vejo que [...] na área Clínica é muito isolado [...] Então estar na Social e na Clínica me ajudou muito, eu acho que foi importante” (Elisa).

Em um primeiro momento trabalhar no Sistema Único da Assistência Social (SUAS) era condicionado pelo determinante econômico, o que pode configurar uma formação de sentido sobre a atividade de trabalho mais alienado, e esse sentido talvez passe a ser

transformado quando ela escolhe “*permanecer no SUAS*”. Atuar na Clínica aparece como um realizador, o motivo parece ser uma realização pessoal, havia um interesse que foi sendo desenvolvido, no processo de “*namorando essa possibilidade, trabalhando comigo mesma*”, o que foi se configurando como um motivo formador de um outro sentido, que passa também a dar outro sentido para a atuação no SUAS, na medida em que ela se sente realizada por trabalhar na área Social e na Clínica privada, atuando em áreas diferentes que são para ela complementares. É importante ressaltar que para Elisa trabalhar na Clínica não se dava por uma necessidade financeira “*não era nem um pouco necessário [...], porque financeiramente [o trabalho no serviço público] preenchia o que eu precisava e mais*”. Ela explica que:

“*[...] clinicamente individual assim, claro que a gente tem supervisão, é claro que a gente tem estudos, mas é você ali no dia a dia com seus clientes, né. Então, pra mim, não me faria sentido só estar na área Clínica né, a partir de todo o conhecimento, de todo contexto social de que eu tive oportunidade de trabalhar*” (Elisa).

Trabalhar na área da Assistência Social, no serviço público, suscitou um contraste entre este e o trabalho no âmbito privado, de modo que para Elisa trabalhar apenas na Clínica privada não “*me faria sentido*”. Então, o trabalho no SUAS e na clínica privada foram complementos um do outro, se relacionaram de modo a se configurarem como formadores de motivo mutuamente.

Como encerramento deste eixo, ensaio uma possível síntese da discussão realizada aqui a fim de fazer esclarecimentos às questões postas pelos objetivos desta pesquisa, quais foram: a compreensão sobre o sentido pessoal de psicólogas/os a respeito da função da teoria em relação a prática; a análise de como tem se dado a relação entre teoria e prática para estas/es.

A relação entre teoria e prática é composta por dois polos, sendo um deles a função da teoria para a prática, e o outro a função da prática para a teoria. Parece que aquelas/es entrevistadas/os que têm uma apropriação um pouco mais elaborada sobre tal relação, compreendem a função da teoria de explicação da realidade, e fundamentação da prática. Entretanto, com exceção de Serena, que diz “*a vida também vai determinando as teorias*”, a compreensão a respeito do outro polo da relação carece de apropriação. Dessa maneira, acabam incorrendo em uma compreensão utilitária, pragmática da teoria, a tomando por um instrumento para a prática, pois falta apropriação do significado de teoria: “*a reprodução ideal do movimento real do objeto*” (Paulo Netto, 2011, p. 21)

Retomando os motivos da prática de cada um/a das/os entrevistadas/os, Serena e Joane explicitam que suas atuações têm motivos orientados por um posicionamento político e, neste sentido, Joane “*quer fazer frente a isso*”, Serena entende que há “*uma disputa a ser feita, isso eu curto*”. Roberto e Elisa não apresentam tais motivos. Elisa fala de um “*atendimento social*” na Clínica, mas não há elementos suficientes para apontar que ela tenha os posicionamentos políticos e sociais como motivação de sua prática. É uma prática que “*aparece também associada à idéia de ajuda ao próximo, de auxílio*” (Bock, 1997, p. 39). A prática de Roberto também se apresenta nessa direção, como fica manifesto em sua fala quando ele responde sobre o retorno feito pelos pais das/os alunas/os a respeito de sua atuação, “*ajudou meu filho*”.

O motivo da atividade de estudo de Serena parece ser se apropriar do conhecimento historicamente produzido pela humanidade, para que, a partir de sua apropriação da teoria, possa desenvolver sua prática. Tal motivo possibilita a formação de um sentido pessoal de Serena sobre a teoria em relação à prática que, dentre as/os entrevistadas/os, é o mais adequado ao significado social que fundamenta esta dissertação. Serena compreende que a teoria explica a realidade e, a partir das explicações oferecidas pela teoria e de suas apropriações, ela percebe mudanças em sua prática, ampliação, aprofundamento das intervenções que consegue fazer junto às pessoas com quem trabalha. Serena mostra um movimento de apropriação sobre a relação dialética entre teoria e prática.

Um dos motivos de Joane para o estudo é por compreender que “*é uma teoria que fundamenta uma prática*”; desse modo, ele se põe a apreender elaborações teóricas com a finalidade de fundamentação da prática. A formação do sentido pessoal de Joane referente à função da teoria em relação à prática tem certa adequação com o significado social tomado por mim. No entanto, o sentido pessoal de Joane sobre tal relação parece também conter uma noção utilitária da teoria em relação à prática. Quando se expressa em termos como “*aplica*”, a teoria é tida como uma oferta de ferramentas para serem aplicadas em seu trabalho cotidiano.

As ações de estudo de Elisa são esparsas e esporádicas; ela não menciona conceitos teóricos, textos, livros. Discorre sobre ter estudado e feito cursos no momento em que transitou de uma teoria a outra, movimento possibilitado pelas percepções que ela teve sobre a teoria a partir de sua prática. Assim sendo, um dos motivos para o estudo parece ter sido a busca por uma teoria que melhor explicasse para ela a realidade com a qual se deparava. Entretanto, sua concepção a respeito do que é a teoria e como ela compreende a função desta em sua prática apresentam grande fragilidade. Quando perguntada sobre como a teoria fundamenta sua prática, ela diz que a teoria “*não a guia*”. Dessa maneira, prescindindo da compreensão da função da

teoria de explicação da realidade e fundamentação da prática, Elisa forma um sentido utilitário daquela em relação a esta.

Roberto não parece desenvolver ações de estudo como algo habitual em seu cotidiano; comenta que estudou algumas teorias, no passado. Os motivos para o estudo da teoria não ficam claros e sua concepção do que é a teoria é frágil. Quando perguntado sobre como a teoria Sistêmica, com a qual ele mais se “*identifica*”, fundamenta sua prática, ele discorre sobre a “*programação neurolinguística*” e não menciona a Sistêmica, e entende que “*ela tem boas ferramentas nessa parte*”. Considerando estas análises, Roberto forma um sentido pessoal da função da teoria em relação à prática como algo a ser usado de modo pragmático, um mero instrumento para as demandas de seu dia a dia.

Fico com a reflexão de que Roberto é quem tem mais tempo de formado entre os quatro sujeitos e é também o que expressa maior inconsistência, incoerência nas suas concepções de ser humano e mundo, inconsistência na relação entre teoria e prática. Quais são os determinantes para isso? Esta questão refere-se ao percurso singular de formação de cada um/a deles/as, mas o que podemos considerar como universal aqui?

O que representa a singularidade, a particularidade e a universalidade do objeto de estudo, do processo investigado por pesquisa? Se, como explica Oliveira (2005), é pela mediação das particularidades que o universal se objetiva no singular, poderíamos dizer que, em meu objeto de estudo, o universal, isto é, as características da ciência burguesa e da Psicologia, desenvolvidas historicamente, vão ser objetivadas na singularidade do fenômeno investigado, em cada uma das pessoas que entrevistei, por meio da particularidade, que seria a formação inicial e continuada e a estrutura e dinâmica do Ensino Superior no Brasil e da formação em Psicologia? A formação inicial e continuada que medeiam a formação da/o Psicóloga/o e, e como pudemos verificar, esta possui uma dinâmica multifacetada, onde outros determinantes condicionam o processo, entretanto, a formação inicial e continuada parecem ser as maiores determinantes do processo de formação profissional.

Nos limites da ciência burguesa e do desenvolvimento humano e científico-profissional circunscritos a essa forma de sociabilidade, uma formação em Psicologia em que a/o psicóloga/o elabore sentidos pessoais consonantes com o significado social da relação dialética entre teoria e prática encontra diversos entraves das possibilidades de objetivação. A ciência burguesa impõe enormes limites à formação e ao desenvolvimento do pensamento humano, como elucidada Oliveira (2005, p. 5, grifo meu)

a história tem mostrado que essa "objetivação plena" do indivíduo *só se dá para aquele indivíduo que, por determinados motivos e circunstâncias, consegue superar os limites determinados pela estrutura social em que vive*, quer dizer, quando esse indivíduo consegue concretizar em sua vida as possibilidades já existentes apresentadas pelo desenvolvimento do gênero humano, as quais lhe estão sendo cerceadas ou mesmo negadas pela estrutura social na qual está inserido.

Nessa direção, podemos pensar que aquelas/es psicólogas/os que conseguem formar sentido pessoal consonante com o significado social da relação dialética entre teoria e prática, superaram, cada qual por meio de motivos e condições materiais de vida específicas, os limites colocados pela formação profissional em Psicologia na sociedade capitalista e os limites impostos pela ciência burguesa a formação e desenvolvimento do pensamento humano. É por meio do particular em cada processo singular, que os indivíduos podem se desenvolver no caminho da formação de tal sentido.

Chegar a essa compreensão da referida relação é uma possibilidade dada pelo desenvolvimento do pensamento humano, mas é uma possibilidade cerceada pelo funcionamento da sociedade capitalista, à qual não interessa formar indivíduos, e em nosso caso, psicólogas/os, com pensamento não só crítico, mas também revolucionário, potente para apreender a realidade concreta, a fim de construir intervenções capazes de transformá-la na direção dos interesses da classe trabalhadora, como coloca Martin-Baró (1996).

A coletividade, o conjunto das práticas em Psicologia e as práticas individuais não estão separadas, se constituem dialeticamente; porém, um dos intuitos aqui foi propor reflexões a respeito da coletividade das práticas a partir da análise crítica da prática individual das/os participantes da pesquisa. Também é importante notar que esta pesquisa é um curta-metragem de um determinado momento da vida de cada um/a das e dos sujeitos que participaram dela, de modo que compreendo que são sujeitos em formação e as possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento humano e profissional estão dadas, considerando a elaboração do longa-metragem de cada um/a.

6. Considerações finais

A presente pesquisa teve por objetivos gerais a busca pela compreensão sobre qual o sentido pessoal da teoria na prática para psicólogas/os atuantes em Psicologia e analisar como tem se dado a relação entre teoria e prática para estas/es. No tocante aos limites da pesquisa desenvolvida, destaco que as entrevistas poderiam, deveriam ter tido maior duração, de modo a possibilitar mais aprofundamento dos assuntos abordados. Considerando que a pesquisa se ocupou da investigação da relação entre teoria e prática, e entendo que esta investigação se refere a perscrutar as atividades de trabalho e de estudo, acompanhar algum momento do cotidiano de trabalho e de estudo das/os entrevistadas/os com a intenção de apreender suas ações de trabalho e de estudo, também se configuraria como importante elemento para a análise. No entanto, as próprias condições materiais de vida das/os entrevistadas/os impuseram tal limite, pois a maioria delas/es não vive na cidade onde a pesquisa foi realizada. Outros limites, como apontado anteriormente, também dizem respeito ao estado atual de minhas apropriações teórico-metodológicas.

Também tomo esta seção final para compartilhar algumas inquietações surgidas do processo de desenvolvimento desta pesquisa; são elas: 1) *o que chamamos e o que podemos chamar de teoria?* 2) *a teoria da atividade como contribuição da PHC para a compreensão da relação dialética entre teoria e prática e a atividade de estudo como condição necessária para a apropriação e desenvolvimento da práxis* e 3) *a crise da Psicologia e a necessidade de continuarmos desenvolvendo o trabalho de crítica de Vigotski. A situação metodológica da Psicologia hoje é ainda mais fragmentada do que na época de Vigotski? Temos visto surgir cada vez mais cursos de graduação em Psicologia. Qual formação está sendo oferecida nesses cursos? Qual formação tiveram as/os professoras/es que lecionam nesses cursos?*

Oliveira (2005) explica, brevemente, o que são a lógica formal e a lógica dialética, estabelecendo que a lógica formal é necessária para o processo de produção do conhecimento, mas que ela é insuficiente, pois não consegue captar os determinantes essenciais da realidade, movimento que somente a lógica dialética consegue captar, visto que a própria realidade é dialética. A autora também argumenta que para julgarmos a concreticidade, se o movimento de análise de uma elaboração teórica do pseudoconcreto ao concreto aconteceu, é preciso compreender o “caminho percorrido pelo pensamento que analisa um determinado fenômeno,

bem como da correlação mais próxima possível desse caminho com as leis e formas que determinam a natureza do objeto estudado" (Oliveira, 2005, p. 15).

Partindo da concepção de que a teoria é a "reprodução ideal do movimento real do objeto" (Paulo Netto, 2011, p. 21) e que somente a dialética é capaz de fazer essa reprodução de forma mais fidedigna, aproximada do movimento real do objeto, se vamos tomar por análise uma determinada teoria em Psicologia, e entendemos que ela não é orientada pela lógica dialética, que ela pode até captar alguns elementos aparentes do objeto de estudo, organizá-los, categorizá-los, que é o que Oliveira (2005) explica que a lógica formal faz. Compreendendo que uma determinada teoria não captou o movimento real do objeto, ainda assim poderíamos denominá-la de teoria? A questão do senso comum de que "na prática a teoria é outra" se daria, então, não porque o sujeito não compreendeu a teoria, mas porque a própria "teoria" não conseguiu captar o movimento real do objeto, explicá-lo em sua essência.

Como uma só teoria não consegue explicar todos os processos da realidade, as/os psicólogas/os sentem a necessidade de amalgamar diferentes teorias quando sua prática impõe a elas/es desafios, que vêm na forma de questões que não conseguem explicar, não conseguem entender em suas determinações mais essenciais. Como a própria Psicologia é eclética teoricamente, como as/os profissionais têm ao seu dispor essas diferentes teorias, a fragmentação de nossa ciência é normalizada, naturalizada, como representado pela fala de Roberto de que "*as pessoas são diferentes, então é legal ter diferentes teorias pra explicá-las*".

Para termos uma compreensão aprofundada, que alcança a essência da relação dialética entre teoria e prática em Psicologia, é necessário que conheçamos o que é a consciência, como ela se formou, em sua filogênese, e como ela se forma, em sua ontogênese. É necessário, pois a relação entre teoria e prática pressupõe uma atuação consciente, intencional, e em se tratando dessa relação na Psicologia, investigar a consciência e seus fenômenos é imprescindível, pois é o ser humano, por meio de sua atividade consciente, o realizador dessa relação. É preciso que psicólogas e psicólogos saibam o que é a consciência. Nessa direção, o debate sobre materialismo e idealismo é fundamental, pois estabelece a discussão sobre se é a realidade material que determina a consciência ou se é a consciência que determina a realidade material. Daí a importância de estudantes e profissionais de Psicologia estudarem Filosofia. A Psicologia Histórico-Cultural pode contribuir largamente para essa questão, pois dispõe de uma concepção sólida sobre o que é a consciência humana, como ela se forma, seu funcionamento, fazendo avançar o debate sobre materialismo x idealismo em Psicologia.

O que a formação inicial precisa garantir? Não há como garantir que todas/os estudantes tenham a mesma formação, pois como notam Nasciutti e Silva (2014), a formação profissional e humana é um processo determinado por diversas particularidades, mas o que a formação inicial precisa assegurar é, pelo menos, a possibilidade de acesso a determinadas discussões – como a discussão epistemológico-metodológica que critique a Psicologia, como a desenvolvida por Vigotski (2004/1927). Não é possível garantir que todas/os se apropriem dessas discussões da mesma maneira, formando os mesmos sentidos, pois como explica Leontiev (2021/1974), os sentidos pessoais nunca guardam total adequação com os significados, devido à parcialidade da consciência. No entanto, é preciso que a possibilidade de acesso a essas discussões esteja dada, pois se a formação inicial não cumpre essa função, o que/quem cumprirá.

Se esta dissertação, como diz seu título “*Teoria? Nunca pensei o que que é isso*” – Contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a compreensão da relação entre teoria e prática em Psicologia”, se configurou como uma comedida tentativa de compreensão a respeito da referida relação, a discussão realizada por Vigotski (2004/1927) acerca dos problemas epistemológico-metodológicos da Psicologia, bem como a teoria da Atividade (Leontiev, 2021/1974) se confirmaram como contribuições essenciais da Psicologia Histórico-Cultural para avançarmos no desenvolvimento de nossa ciência e profissão, o que necessariamente quer dizer também avançarmos em tudo o que toca à formação inicial em Psicologia.

7. Referências

- Abrantes, A. A., Bulhões, L. (2020). Idade adulta e o desenvolvimento psíquico na sociedade de classes: juventude e trabalho. In Martins, L. M., Abrantes, A. A., Facci, M. G. D. (Orgs). *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico* (pp. 241-265). 2ª ed. Autores Associados.
- Abrantes, A. A., & Martins, L. M. (2007). A produção do conhecimento científico: relação sujeito-objeto e desenvolvimento do pensamento. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, v.11, n.22, p.313-25, mai/ago 2007. Recuperado em 30 de março, 2022, de <https://doi.org/10.1590/S1414-32832007000200010>
- Antunes, R. (2010). Trabalho uno ou omni: a dialética entre o trabalho concreto e o trabalho abstrato. *Argumentum*, 2(2), 09-15. <https://doi.org/10.18315/argumentum.v2i2.941>
- Asbahr, F. da S. F. Sentido pessoal, significado social e atividade de estudo: uma revisão teórica *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 18, n. 2, pp. 265-272, mai/ago. <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2014/0182744>
- Barbosa, R. H. S. (2010). A ‘Teoria da Práxis’: retomando o referencial marxista para o enfrentamento do capitalismo no campo da saúde. *Trab. Educ. Saúde*, v. 8 n. 1, pp. 9-26, mar./jun. Recuperado em 30 de março, 2022, de <https://doi.org/10.1590/S1981-77462010000100002>
- Bock, A. M. B. (1997). Formação do psicólogo: um debate a partir do significado do fenômeno psicológico. *Psicol. cienc. prof.*, 17(2), 37-42. <https://doi.org/10.1590/S1414-98931997000200006>
- Bosi, E. (2003). Sugestões para um jovem pesquisador. In *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*, (pp. 59-67). Ateliê Editorial.
- Bottomore, T. (Ed). (2013). *Dicionário do Pensamento Marxista*. Zahar.
- Callegari, A. B. (2018). *Da ilusão progressista ao conservadorismo idealista: uma crítica materialista histórica da esquizoanálise*. [Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Maringá]. Programa de Pós-graduação em Psicologia. [Callegari, Amanda Biasi \(uem.br\)](https://www.uem.br/portal/ufpr/arquivos/Callegari_Amanda_Biasi.pdf)
- Carvalho, B. P., Camargo, A. F. B. T., Palhuzzi, B. C. C., Jesus, N. B. de. (2021). 1. A interpretação da crise da psicologia da década de 1920 por Politzer e Vigotski. In: Bellenzani, R., Carvalho, B. P. (Orgs.), *Psicologia Histórico-Cultural na Universidade: Pesquisas Implicadas* (pp. 22-64). Ed. UFMS.

- Carvalho, S. R. de, Martins, L. M. (2020). Idade adulta, trabalho e desenvolvimento psíquico: a maturidade em tempos de reestruturação produtiva. In Martins, L. M., Abrantes, A. A., Facci, M. G. D. (Orgs), *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico* (pp. 267-292). 2ª ed. Autores Associados.
- Costa, E. M. & Martins, J. B. (2018). O projeto Vigotskiano para uma psicologia científica: anotações sobre “O Significado Histórico da Crise da Psicologia”. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 36(3), 537-551.
<http://dx.doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.6007>
- Engels, F., Marx, K. (2001). *A ideologia alemã*. 2ª ed. Martins Fontes.
- Escobar, A. I. (2003). *Reflexões sobre materialismo e empiriocriticismo de Lenin*. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. Fundação Maurício Grabois. [COMO \(grabois.org.br\)](http://www.grabois.org.br)
- Figueiredo, L. C. M. (2008). Matrizes do pensamento psicológico. In *XII – CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS* (pp. 195-204). 14ª edição. Vozes.
- Figueiredo, L. C. M. (2008). *Psicologia, uma nova introdução*. 3ª ed. Ed. EDUC.
- Hennig, A. S., Moura, G. L., Estivalet, D. C., Kieling, K. F., Andrade, T. N. H., Gaspar, E. (2013). Análise de conteúdo: fazemos o que dizemos? Um levantamento de estudos que dizem adotar a técnica. In: *IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade*. Brasília/DF. Recuperado em 30 de março, 2022, de http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013_EnEPQ76.pdf
- Kosik, K. (1976). *Dialética do Concreto*. 5ª ed. Paz e Terra.
- Lefebvre, H. (1991/1969). Teoria do conhecimento. In *Lógica Formal, Lógica Dialética*. (pp. 49-89). 5ª ed. Civilização Brasileira.
- Leontiev, A. N. (2021). *Atividade. Consciência. Personalidade*. 1ª ed. Mireveja.
- Leontiev, A. (2004). *O desenvolvimento do psiquismo*. 2ª ed. Centauro. (Original publicado em 1959).
- Lessa, P. V. de, Facci, M. G. D. (2008). Contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a Atuação Crítica da Psicologia Escolar. *Terra e Cultura*, 24(47), 88-98.
<http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistatestes/article/view/381>
- Lopes, J. A. S. (2014). *Para além da formação continuada: o compromisso social do psicólogo que trabalha com demandas escolares*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia]. Repositório Institucional UFU.
<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/18394>

- Martín-Baró, I. (1996). O papel do Psicólogo. *Estudos de Psicologia*, 2(1), pp. 7-27.
<https://doi.org/10.1590/S1413-294X1997000100002>
- Martins, L. M., Lavoura, T. N. (2018). Materialismo histórico-dialético: contributos para a investigação em educação. *Educar em Revista*, 34(71), 223-239.
<https://doi.org/10.1590/0104-4060.59428>
- Marx, K., Engels, F. (2007). *A ideologia alemã*. 1ª ed. Boitempo. (Original publicado em 1932).
- Minayo, M. C. S. (2007). *Pesquisa Social – Teoria, Método e Criatividade*. Vozes.
- Nascimento, V. A. S. (2023). A prioridade ontológica econômica e o desenvolvimento humano em Marx. In Rabelo, D. F., Silva, J. da, Diogo, N. M. F. (Orgs), *Psicologia e desenvolvimento humano no contexto brasileiro* (pp. 163-208). Eduepb.
- Nasciutti, F. M. B., Silva, S. M. Cintra da. (2014). O processo de ensinar/aprender uma perspectiva crítica em psicologia escolar e educacional. *Psicologia em Estudo*, v. 19, n. 1, pp. 25-37, jan/mar. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-7372207600003>
- Oliveira, B. (2005). A dialética do singular-particular-universal. In A. A. Abrantes, N. R. Silva, & S. T. F. Martins (Orgs.), *Método histórico-social na psicologia* (pp. 25-51). Vozes.
- Pasqualini, J. C. (2020). A teoria histórico-cultural da periodização do desenvolvimento psíquico como expressão do método materialista dialético. In Martins, L. M., Abrantes, A. A., Facci, M. G. D. (Orgs), *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico* (pp.63-90). 2ª ed. Autores Associados.
- Paulo Netto, J. (1994). Razão, ontologia e práxis. *Serviço Social & Sociedade*, 44, Ano XV, abril 1994. Ed. Cortez.
- Paulo Netto, J. (2011). Entrevista: José Paulo Netto. *Trab. Educ. Saúde*, 9(2), 333-340.
<https://doi.org/10.1590/S1981-77462011000200010>
- Paulo Netto, J. (2011). *Introdução ao método de Marx*. Ed. Boitempo.
- Pessoa, C. T. (2018). “Ser professora”: um estudo do sentido pessoal sobre a atividade docente a partir da Psicologia Histórico-Cultural. [Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Maringá]. Programa de Pós-graduação em Psicologia. [PPI 2018 Camila Turati Pessoa - Tese.pdf \(uem.br\)](https://repositorio.uem.br/bitstream/handle/2014-3/10000/1/PPI_2018_Camila_Turati_Pessoa_-_Tese.pdf)
- Saviani, D., Duarte, N. (2010). A formação humana na perspectiva histórico-ontológica. *Revista Brasileira de Educação*, v. 15, n. 45, pp. 422-433, set./dez.
<https://doi.org/10.1590/S1413-24782010000300002>
- Semeraro, G. (2014). Filosofia da práxis e as práticas político-pedagógicas populares. *Educação e Filosofia Uberlândia*, v. 28, n. 55, pp. 131-148, jul./dez. 2014. ISSN 0102-

6801. <https://doi.org/10.14393/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v28n55a2014-p131-148>

- Silva, S. M. C. da. (2023). Porque a Psicologia não basta: arte e atividade criadora na formação universitária. In Gomes, A. H., Pereira, E. R., Assis, N. de. (Orgs), *Arte e processos de criação na formação em Psicologia* (pp. 27-25). Pedro & João Editores.
- Silva, C. F. da, Arnaud, F. I. M., Gomes, V. L. B. (2017). Neoliberalismo no Brasil, Emenda Constitucional n. 95/2016 e políticas sociais públicas: os desafios postos ao trabalho profissional dos assistentes sociais. *VIII Jornada Internacional Políticas Públicas*. Universidade Federal do Maranhão. [neoliberalismo-no-brasilemenda-constitucional-n-95-2016-e-politicas.pdf \(ufma.br\)](https://repositorio.ufma.br/neo-liberalismo-no-brasilemenda-constitucional-n-95-2016-e-politicas-sociais-publicas)
- Silva, R. A. da (2017). *O conceito de práxis em Marx*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte]. Repositório Institucional UFRN. <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/24571>
- Silva, S. M. C. da., & Peretta, A. A. C. e S. (2022). Das lições diárias de outras tantas pessoas: vivências em Psicologia Escolar na Educação Básica. *Obutchénie. Revista de Didática e Psicologia Pedagógica*, 6(1), 154–176. <https://doi.org/10.14393/OBv6n1.a2022-64389>
- Souza, T. M. dos. S. (2006). *Emoções e capital: as mulheres no novo padrão de acumulação capitalista*. [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17155>
- Tuleski, S. C. (2012). Reflexões sobre a gênese da psicologia científica. In Duarte, N. (Org.), *Crítica ao fetichismo da individualidade* (pp. 107-122). 2ª ed. Autores Associados.
- Tuleski, S. C., Eidt, N. M. (2020). A periodização do desenvolvimento psíquico: atividade dominante e a formação das funções psíquicas superiores. In Martins, L. M., Abrantes, A. A., Facci, M. G. D. (Orgs), *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico*. (pp. 35-61). 2ª ed. Autores Associados.
- Vázquez, A. S. (2011). *Filosofia da Práxis*. 2ª ed. Expressão Popular.
- Vigotski, L. S. (2004/1927). Teoria e método em psicologia. In *O significado histórico da crise da psicologia. Uma investigação metodológica*. (pp. 203-417). 3ª ed. Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2009). Pensamento e palavra. In *A construção do pensamento e da linguagem*. (pp. 395-486). 2ª ed. Wmf Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2018/1930). Criação e imaginação. In *Imaginação e criação na infância*. (pp. 13-19). 1ª ed. Expressão Popular.

Willig, C. (2013). *Introducing Qualitative Research in Psychology*. McGraw Hill Education, Open University Press.

Apêndice A – Roteiro de entrevista semiestruturada

1. Qual é a sua concepção de ser humano? De mundo?
2. Qual a sua definição do que é Psicologia?
3. Em qual teoria psicológica você fundamenta a sua prática?
4. Essa teoria tem papel na sua prática? Qual?
5. O que você destacaria na sua formação em Psicologia?
6. Como se deu sua escolha por trabalhar na sua área?
7. Você observa que sua prática tem impactado a vida das pessoas com quem você trabalha? Fale um pouco a respeito.
8. Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?
9. Obrigada pela participação.